



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Luciana dos Santos Silva

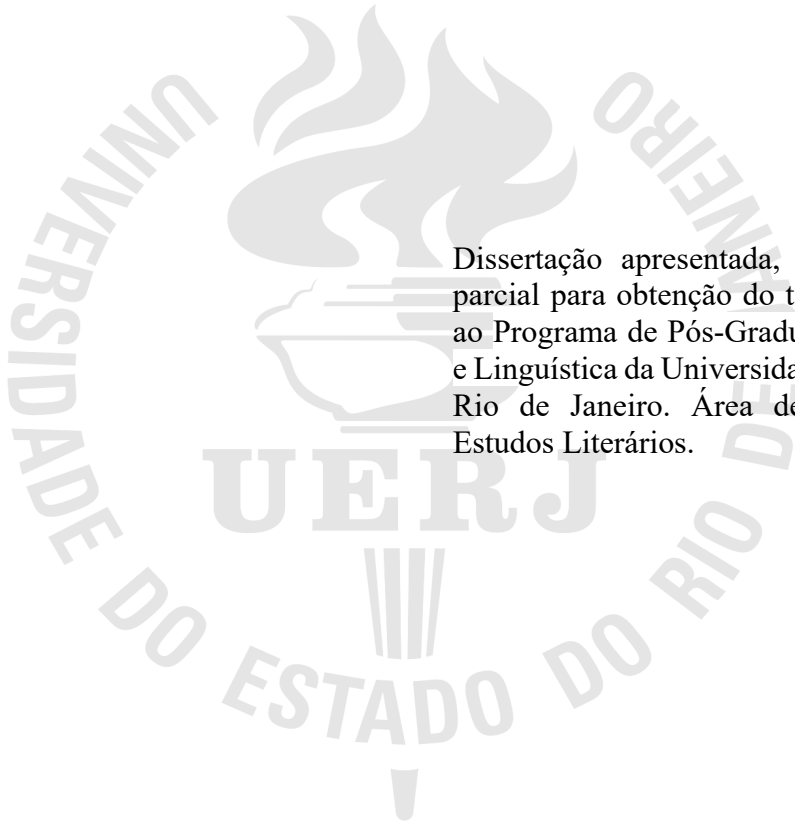
**Corpo feminino, violência, transgressão e resistência em Niketche: uma
história de poligamia**

São Gonçalo

2023

Luciana Dos Santos Silva

Corpo feminino, violência, transgressão e resistência em Niketche: uma história de poligamia



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof.^a Dra. Eloisa Porto Corrêa Allevato Braem

São Gonçalo

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

S586
TESE

Silva, Luciana dos Santos.
Corpo feminino, violência, transgressão e resistência em
Niketche : uma história de poligamia / Luciana dos Santos Silva. –
2023.
79f.

Orientadora: Prof.^a Dra. Eloisa Porto Corrêa Allevato Braem.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade
do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Chiziane, Paulina, 1955- - Crítica e interpretação – Teses.
2. Literatura moçambicana – Teses. 3. Mulheres – Condições
sociais – Teses. I. Braem, Eloisa Porto Corrêa Allevato.
II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de
Formação de Professores. III. Título.

CRB7 – 6150

CDU 869.0(679)-95

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Luciana Dos Santos Silva

Corpo feminino, violência, transgressão e resistência em Niketche: uma história de poligamia

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários

Aprovada em 28 de agosto de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Eloisa Porto Corrêa Allevato Braem (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof.^a Dra. Marinei Almeida
Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^a Dra. Norma Sueli Rosa Lima
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2023

DEDICATÓRIA

À minha ascendência feminina, representada pela minha avó, Eulina Maria, e minha mãe, Raimunda (*In memoriam*); mulheres pretas, analfabetas e periféricas que viveram uma história de vida de opressão e silenciamento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à educação pública e de qualidade representada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e sua existência no Campus do município de São Gonçalo, através da Faculdade de Formação de Professores, que, desde o ano de 2016, oferece ingresso ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística – PPLIN.

A todos os docentes participantes do Programa, que contribuíram às reflexões com suas aulas e conversas generosas sobre pesquisa em literatura.

À minha orientadora, Professora Doutora Eloisa Porto Corrêa Allevato Braem.

Ao meu marido, Thiago Carlos, parceiro incansável, incentivador de todas as horas, pelas suas mãos disponíveis no auxílio tecnológico e, sobretudo, por suportar minhas crises de ansiedade durante todas as minhas fases de formação.

Ao meu amigo Leonardo Ramos, por caminhar comigo durante toda a minha trajetória acadêmica, desde a graduação, seleção ao mestrado, qualificação e conclusão desta dissertação.

E a todos os outros queridos amigos que, mesmo não nominados neste agradecimento, fizeram parte da minha história, me inspirando com seus relatos, trocas e experiências.

Gratidão a Deus, ao universo pela existência, à minha fé na vida e ao desejo de novas descobertas, dentro e fora do espaço acadêmico.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio concedido à realização do presente trabalho – Código de Financiamento 001.

Mas por que se foram embora os nossos maridos, por que nos abandonam depois de muito anos de convivência?

Paulina Chiziane (Maria Rosa)

RESUMO

SILVA, Luciana Dos Santos. *Corpo feminino, violência, transgressão e resistência em Niketche: uma história de poligamia*. 2023. 79f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

Esta dissertação foi elaborada a partir do estudo do romance moçambicano *Niketche: uma história de poligamia* (2002), de Paulina Chiziane. A pesquisa restringiu-se à representação do corpo feminino em Moçambique, e, ainda mais restritamente, ao corpo, que fundamenta esta análise, sobretudo o corpo feminino da personagem Rami, que desencadeou alguns desdobramentos, destacando-se: a violência de gênero, a liberdade sexual e a irmandade feminina. Outro aspecto evidenciado neste trabalho refere-se à relevância da autoria feminina negra de Paulina Chiziane, que exerce uma potente militância através de um projeto literário de força estética e política. Dentre o aparato crítico, destacam-se as pesquisadoras Carmen Lúcia Tindó Secco (2016), Maria Antonieta Antonacci (2014), Andréa Pachá e Vilma Piedade (2021), Elódia Xavier (2021) e Dina Salústio (2018) nas discussões sobre representatividade feminina, direitos femininos, corpos femininos e suas projeções na vida e na literatura. De igual modo, utilizou-se os aportes teóricos e críticos dos pesquisadores Francisco Noa (2019), Carlos Subuhana (2004), Michael Pollak (1989), Dominique Maingueneau (2001), Homi Bhabha (1998) e Pierre Bourdieu (2012) nos debates em torno de literatura e memória, escrita autobiográfica, pós-colonialismo e dominação masculina.

Palavras-chave: Paulina Chiziane. Literatura moçambicana. *Niketche: uma história de poligamia*. Representatividade feminina.

ABSTRACT

SILVA, Luciana Dos Santos. *Female body, violence, transgression and resistance in Niketche: uma história de poligamia*. 2023.79f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

This dissertation was prepared based on the study of the Mozambican novel *Niketche: uma História de poligamia* (2002), by Paulina Chiziane. The research was restricted to the representation of the female body in Mozambique, and, even more restrictedly, to the body, which underlies this analysis, especially the female body of the character Rami, which triggered some developments, highlighting: gender violence, sexual freedom and female brotherhood. Another aspect highlighted in this work refers to the relevance of black female authorship by Paulina Chiziane, who exercises powerful activism through a literary project of aesthetic and political strength. Among the critical apparatus, researchers Carmen Lúcia Tindó Secco (2016), Maria Antonieta Antonacci (2014), Andréa Pachá and Vilma Piedade (2021), Elódia Xavier (2021) and Dina Salústio (2018) stand out in discussions on female representation, female rights, female bodies and their projections in life and literature. Likewise, the theoretical and critical contributions of researchers Francisco Noa (2019), Carlos Subuhana (2004), Michael Pollak (1989), Dominique Maingueneau (2001), Homi Bhabha (1998) and Pierre Bourdieu (2012) were used in the debates around literature and memory, autobiographical writing, post-colonialism and male domination.

Keywords: Paulina Chiziane. Mozambican literature. *Niketche*: a story of polygamy. Female representation.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	9
1	MOÇAMBIQUE: UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO.....	15
2	LITERATURA COLONIAL À PÓS-COLONIAL: VOZES FEMININAS EM <i>SANGUE NEGRO</i> E <i>NIKETCHE</i>.....	20
2.1	A precursora Noémia de Souza.....	20
2.2	Paulina Chiziane e sua prosa poética.....	22
2.3	Identidade e cultura em <i>Niketche</i>	27
3	REPRESENTAÇÕES DO CORPO FEMININO EM <i>NIKETCHE</i> : CAMINHOS DE RAMI.....	40
3.1	Corpo e violência de gênero: vida e ficcionalidade.....	42
3.2	Corpo e sexualidade pela ótica da transgressão.....	52
3.3	Corpo, união e resistência em <i>Niketche</i>: mulheres de mãos dadas.....	61
	CONSIDERAÇÕES FINAIS: ELAS POR TODAS.....	68
	REFERÊNCIAS.....	74

INTRODUÇÃO

O meu contato inicial com a literatura moçambicana ocorreu no ano de 2014, como graduanda no meu primeiro semestre do curso de licenciatura em Letras, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ – FFP), nas aulas da disciplina Teoria Literária I, lecionada, na ocasião, pela Professora Dra. Jane Rodrigues dos Santos que, à época, sugeriu como leitura obrigatória a obra *O último voo do flamingo* (2000), de Mia Couto. Posteriormente, entre os anos de 2020 e 2021, durante a pandemia do novo Coronavírus, cursei, remotamente, o curso de Pós-graduação Especialização em Educação Básica, cuja proposta de trabalho de conclusão foi a aplicabilidade de textos moçambicanos em sala de aula, com sugestão, aos alunos dos últimos anos da Educação Básica, à leitura do conto “Saúde, o Lata de Água”, do livro *Vozes Anoitecidas* (2013), também do escritor Mia Couto.

Determinada a prosseguir com estudos e pesquisas no âmbito da literatura moçambicana e interessada em investigar a condição da mulher representada na literatura daquele país, na oportunidade de ingressar no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPLIN), da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, partilhei, à orientação que me acolheu, Professora Dra. Eloísa Porto Corrêa Allevato Braem, o desejo de estudar sobre a temática em torno da representação de violência empreendida contra o gênero feminino nesta literatura, o que culminou na sua indicação à leitura do romance *Niketche: uma história de poligamia*¹ (2002), de Paulina Chiziane, que tornou-se, posteriormente, objeto desta dissertação.

Nessa trajetória, objetivou-se produzir um trabalho que fomentasse a relevância da produção literária de Paulina Chiziane, mulher negra, moçambicana, vencedora do Prêmio José Craveirinha, em 2003, em razão do livro ora estudado. E mais recentemente, vencedora do Prêmio Camões, em 2021, pelo reconhecimento e fortuna crítica da sua obra desde os anos de 1980. A autora, através da sua observação e vivência como mulher moçambicana, procura imprimir uma perspectiva mais feminina sobre questões relativas ao cotidiano da mulher em seus romances, sendo essa temática a que lhe deu notoriedade no seu país e além desse.

Estabelecido, especificamente, *Niketche* como *corpus* de análise, identificou-se que, além de abordar o tema referente à poligamia e ao silenciamento imposto por anos às mulheres moçambicanas representadas no romance, a escritora buscou enfatizar novos espaços de

¹ Neste trabalho, o título do romance, *Niketche: uma história de poligamia*, também aparece apenas como *Niketche*. O livro foi publicado em (2002); nesta pesquisa, utilizou-se a edição de 2021, da Companhia das Letras (edição de bolso).

expressão desse corpo feminino, realçando outros aspectos comportamentais que compõem as personagens; mulheres que encontraram autonomia em diversas áreas de suas vidas e conquistaram a independência financeira e emancipação sexual através da cumplicidade entre iguais. Essa ótica é destacada pela pesquisadora Luciana Borges (2018), quando refere-se às representações na escrita feminina: “Nesse sentido, uma literatura que dê visibilidade a novas possibilidades de interação corporal e que reconfigure os esquemas do sexo, do gênero, do corpo e do desejo nos indica a importância de uma representatividade via literatura [...]” (BORGES, 2018). Desse modo, detendo-se a uma análise preponderante da representação do corpo feminino moçambicano, não obstante, coube introduzir neste estudo uma reflexão mais expandida sobre “corpo” e “gênero”, antes de encaminhar-se à especificidade da pesquisa.

Os debates sobre o corpo antecedem as pautas relativas às questões de gênero, pois esse sempre exerceu sua soberania como parte central das discussões em torno da existência humana, razão esta que, ao longo dos séculos, diversos estudos e teorias imbricaram-se na tentativa de compreenderem um elemento que permanece complexo até os dias atuais: a singularidade do corpo humano.

Desde as teorias “criacionistas” até as hipóteses de “evolucionismo”, o surgimento do ser-homem, no sentido amplo da espécie, se ancora na visível constituição física, logo, a formação de uma estrutura corporal. Mitos como a suposta costela de “Adão”, que deu origem à existência de “Eva”, para os abraâmicos, até os cultos ao corpo praticados na Grécia Antiga, com aspiração à imortalidade, chegamos à contemporaneidade com outras necessidades, mas, ainda assim, dependentes de novos desígnios do corpo.

De maneira que, mesmo diante de oposições filosóficas, científicas, antropológicas, religiosas que culminaram em perguntas relativas ao corpo no fluxo da história do Homem, um componente principal se alinha em qualquer uma das vertentes: a preeminência do corpo como expressão da vida. Estudado, avaliado e posto à prova nos embates sociais, sendo este o corpo do gênero feminino, nos estudos empreendidos mostrou-se ainda mais vulnerável ao controle e automatização, fenômeno que o filósofo Michel Foucault (1987) já havia conceituado como o chamado “corpo dócil”, aquele que seria adestrado e manipulado pelos poderes, mormente, os patriarcais firmados em uma determinada sociedade.

De acordo com a filósofa Susan R. Bordo (1997), esse corpo, prenunciado por Pierre Bourdieu e Michel Foucault, não é apenas um texto da cultura, pois está em constante disposição de controle social. De modo que a cultura se torna corpo quando observadas as práticas cotidianas que incidem em rotinas e normas que tornam-se automáticas ao indivíduo. A pesquisadora mostra-se favorável a teorias como a da antropóloga Mary Douglas, e cita:

O corpo — o que comemos, como nos vestimos, os rituais diários através dos quais cuidamos dele — é um agente da cultura. Como defende a antropóloga Mary Douglas, ele é uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas centrais, as hierarquias e até os comprometimentos metafísicos de uma cultura são inscritos e assim reforçados através da linguagem corporal concreta (BORDO, 1997, p. 19).

Em atenção às diferenças biológicas, estudiosas como Arleen B. Dallery definem que as construções ideológicas que focaram na destituição do pênis, ainda assim, não consideraram o corpo da mulher, pois “mediado pela linguagem; o corpo humano é um texto, um signo, e não apenas um pedaço de matéria carnal” (DALLERY, 1997, p. 64). Em oposição a teorias que consideram possível a separação do corpo com o não corpo em qualquer cultura, opina: “[...] soa estranha a ideia da separação de algo que nos é imprescindível. Corpo e pensamento, ou corpo e alma, fazem parte de uma dualidade que concerne a qualquer povo” (DALLERY, 1997, p. 64).

Assemelhando-se a opiniões de pesquisadores do continente europeu, no que se refere ao entendimento do corpo como sistema simbólico, o pesquisador José Carlos Rodrigues, no seu livro *Tabu do corpo* (2006), participa da mesma opinião. Segundo Rodrigues (2006), “[...] o corpo humano é socialmente concebido, e que a análise da representação social do corpo oferece uma das numerosas vias de acesso à estrutura de uma sociedade particular”. No seu posicionamento, percebe-se a ideia de que seria necessário um exame amplo das formas culturais para se discernir entre os comportamentos humanos que, culturalmente, estão condicionados e a quais fatores tais escolhas estariam implicadas.

Dentre os reguladores sociais, durante décadas predominantes, encontra-se, como exemplo, a concepção peculiar de que o corpo feminino não poderia se apropriar de outras funções além da maternidade, ideia que tolhia a oportunidade das mulheres se colocarem em destaque em outras ocupações, em detrimento aos papéis exclusivos de esposa e mãe.

Assim, a aceitação do corpo feminino como detentor de outras competências e aspirações só começou a ser cogitado a partir do surgimento de movimentos feministas iniciados nos anos de 1960, nos Estados Unidos, revigorando os discursos introduzidos anos antes por Simone de Beauvoir, na França, pioneira e ativista nos debates em prol da mulher como ser individual e social, em represália ao sistema de domínio instituído pelo patriarcado.

As contribuições feministas fortaleceram a representatividade da mulher, promovendo espaço para o exercício dos seus direitos e novas perspectivas pessoais. Contudo, nesse processo de aguerridas transformações, tornou-se evidente que os debates e enfrentamentos femininos continuariam necessários, principalmente para as mulheres negras, tendo em vista os preconceitos arraigados e obstáculos diários enfrentados mais expressivamente por esse grupo.

Por uma interpretação mais global, nota-se que, com o passar dos anos, outros assuntos relativos ao corpo começaram a demandar da mulher outras preocupações já estabelecidas com a modernidade. Ainda sob os efeitos da dominação masculina, o gênero feminino encontrou outras pressões sociais, atreladas, dessa vez, a imposições sociais de controles ainda mais amplos, a exemplo, a manutenção de uma imagem corporal impecável, como se a aparência determinasse uma posição de respeitabilidade.

Do mesmo modo, a mesma mulher que conseguiu romper com alguns tabus ultrapassados e pôde galgar por igualdade de direitos, viu-se, em dado momento, extenuada para atender as expectativas de parâmetros instaurados, modelos esses que passaram a ditar comportamentos e aparências “aceitáveis”, causando inquietações, com a busca pela eterna jovialidade provocada por pressões advindas do “etarismo”, a partir do surgimento de novos padrões de beleza, exibidos e propagados, principalmente, por países europeus, através de veículos de comunicação de massa, ações que influenciaram condutas aleatórias de mulheres na busca incessante do corpo perfeito.

Demonstrando contrariedade diante desses sistemas de opressão feminina, Paulina Chiziane insere em seus romances crítica à imagem do corpo feminino pré-determinado, sem consideração às individualidades étnicas e traços ascendentes de cada mulher com suas singularidades. Em *Niketche*, a autora utiliza-se dessa prerrogativa para descrever aspectos físicos das mulheres de seu continente, ao mencionar características das rainhas africanas, nesse caso, representadas pela sua conselheira do amor:

Na cabeça pende um turbante colocado com arte como uma coroa de rainha. Ela usa ouro, muito ouro. Tem a imagem da Rainha de Sabá — os livros apresentam uma Sabá magra e sem curvas, corpo europeizado, mas as rainhas africanas são gordas, pois são bem abastecidas tanto no amor como na comida (CHIZIANE, 2021, p. 31).

Com controles sistematizados, a sociedade criou estereótipos que acabaram sendo almejados. A mulher, no exercício do viver, foi aos poucos rotulada como a “supermulher”, aquela que não se rende ao cansaço e que, apesar das muitas atribuições, não se esgota, permanece perfeita, disposta e servil. E, nesse processo de sujeição, outras violências avultaram-se, como a crescente misoginia que traduz a quantidade de feminicídios registrados neste século, ocorrências que mostraram a urgência de ações para difundir e debater temas relacionados ao corpo da mulher e às repressões enfrentadas por elas.

Estreitando os enfoques supracitados ao contexto de existência do corpo feminino negro, a violência ainda se torna mais evidente, pois, ao sexismo, atracou-se o racismo,

fortalecido por um ciclo colonial infindo, um fenômeno que dita e organiza hierarquias com base na distinção de raça, que afeta, sobretudo, a mulher negra.

As ideias da ativista feminista estadunidense Angela Davis revelam que, no período da Segunda Guerra Mundial, houve discretos sinais de “emancipação” do feminino negro, porém uma conquista de liberdade efetiva aparentava estar muito distante. De modo que, no início do século XX, ainda era aparente que “a supremacia branca e a supremacia masculina, que sempre se cortejaram com facilidade, estreitaram os laços e consolidaram abertamente o romance” (DAVIS, 2016). Noções infundadas de superioridade do homem foram disseminadas, impactando na aceitação de ideias de uma inferioridade negra feminina.

Djamila Ribeiro, no prefácio à edição brasileira de *Mulheres, raça e classe* (2016), publicado pela Boitempo Editorial, aponta a importante participação de Davis no processo de construção de um novo modelo de sociedade a partir dessa publicação e tantas outras, em que trouxe registros de seus estudos feministas e de sua militância. Ribeiro (2016) cita:

Davis traz as inquietações necessárias para que o conformismo não nos derrote. Pensa as diferenças como fagulhas criativas que podem nos permitir interligar nossas lutas e nos coloca o desafio de conceber ações capazes de desatrelar valores democráticos de valores capitalistas (RIBEIRO, 2016).

Questões postas, foram cogitadas, neste trabalho, possibilidades de um ativismo de existência, um movimento de ser e lutar, para que as demais mulheres não se sintam sozinhas nas suas vivências ao resistirem. Nesse aspecto, Paulina Chiziane exerce sua participação através de um projeto literário de força estética e política, efetuando uma potente militância, através da literatura. A escritora, que escolheu não se denominar “feminista”, atua com sua voz discursiva no enfrentamento às duras realidades humanas, nesse caso, as adversidades enfrentadas pelo gênero feminino no país moçambicano.

Após essas constatações, o estudo se restringiu à representação do corpo feminino em Moçambique, e, ainda mais restritamente, ao corpo que fundamenta esta análise, o corpo feminino de Rami, em *Niketche*, que desencadeou alguns desdobramentos a partir da temática pretendida. Assim, a pesquisa mostrou-se inclinada a inserir novos cenários representativos em que o corpo tornou-se o cerne da hipótese de que a escrita de Paulina Chiziane não compromete-se apenas com a ficcionalidade; trata-se de uma voz feminina que debate criticamente os espaços negados ao corpo da mulher moçambicana. De maneira que as leituras empreendidas no romance buscaram consonância com o simbolismo do corpo na cultura africana, em consenso com a visão de Maria Antonietta Antonacci (2014): “Na perspectiva que herdeiros de matrizes africanas vivem intercâmbios cósmicos, focamos o corpo – expressão maior de

mediações cultura/natureza – como “arquivo vivo” de memórias sem fronteiras”. Desse modo, dentre os principais pontos de investigação delineados, destacaram-se, na narrativa: a violência de gênero, a liberdade sexual e a irmandade feminina.

A representação da violência de gênero mostrou-se presente desde o início do romance, fase em que a narradora-personagem Maria Rosa, a Rami, experencia diferentes conflitos familiares e o seu corpo feminino sente-se subjugado e oprimido, em razão dos abusos sofridos. Em outra perspectiva, observou-se, no desenvolvimento da narrativa, o resgate de sua autoestima, a descoberta de novas sensações e a conquista de uma liberdade sexual nunca experimentada, que tornou-se possível quando ingressou rumo à transgressão feminina e, para tanto, rompeu tabus, conservadorismos e regras ancoradas no tradicionalismo, que confrontou ao se relacionar sexualmente com outros homens. Constatou-se ainda, neste estudo, o afeto e a cumplicidade entre as personagens femininas, a partir de episódios que exibem amparo, empatia e solidariedade entre elas, sobretudo, após partilharem as suas histórias de vida, todas ligadas à dependência do mesmo homem, por diferentes necessidades.

Assim, ao encontro dessas possíveis representações do corpo atribuídas à figura da narradora-personagem Rami, destacadas e perceptíveis em *Niketche: uma história de poligamia* (2002), esta pesquisa investigou as diferentes configurações desse corpo feminino, através de um exame que intencionou contribuir para múltiplas reflexões e diálogos do “ser mulher” e outras questões que tangem a desigualdade de gênero na sociedade de Moçambique e além dessa.

1 MOÇAMBIQUE: UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

A constituição histórica de Moçambique se encontra inserida nos estudos da história do continente africano. No prefácio que integra o livro *História Geral da África I: Metodologia e Pré-história da África* (2010), o professor senegalês Amadou-Mahtar M'Bow justifica os danos causados pela colonização ao passado africano, que desencadearam uma perspectiva eurocêntrica constituída com base nesse acontecimento.

Dentre as diversas atrocidades praticadas pelo colonizador, o tráfico negreiro contribuiu para a formação de estereótipos raciais que distorceram, inclusive, a concepção da historiografia do continente. Definições como “brancos” e “negros” passaram a “nomear genericamente os colonizadores, considerados superiores, e os colonizados, os africanos, foram levados a lutar contra uma dupla servidão, econômica e psicológica” (M'BOW, 2010, p. XXII).

Em atenção ao processo de formação de Moçambique, o primeiro marco histórico a considerar registra a chegada dos portugueses ao final do século XV, tornando a região como principal posto de abastecimento, evento que serviu como ponto de partida para a penetração do colonialismo, que se instalou gradativamente. Apoiado nos registros de Eduardo Mondlane, o pesquisador Carlos Subuhana descreve o evento em seus estudos, ao observar os principais aspectos que colaboraram, posteriormente, na construção do nacionalismo do país:

Uma vez que o principal interesse dos reis portugueses que patrocinaram estas viagens era a abertura de um caminho para a Índia mais seguro do que a então perigosa rota terrestre através do próximo Oriente, os portugueses contentaram-se, durante muitos anos, em estabelecer postos de abastecimento ao longo da costa oriental da África, deixando intacto o interior (SUBUHANA, 2004, p. 2).

Após atuar até o século XVII apenas como suporte das embarcações: “[...] usado, essencialmente, como apoio à rota de especiarias para a Índia, sendo que, só no início do século XX, o território do Vale do Zambeze passa a ser explorado pelos portugueses [...]” (COSTA E SILVA, 2002, p. 626-627 *apud* AMORIM; TRINDADE JUNIOR, 2018, p. 212). Com o passar dos anos, instituiu-se, enfim, o colonialismo português, que, aliando-se à igreja católica, construiu uma estrutura bem-organizada e tendo o total domínio conseguiu seu intento: garantir trabalho forçado e a exportação de trabalhadores para a África do Sul.

Assim, no país transcorreu uma história secular de dominação e sofrimento, com uma série de registros de guerras e conflitos durante o período de colonização por Portugal, no período de independência e de pós-colonização, de maneira que conseguiu-se subsistir até o

século XXI: “Com quase 802 mil km², Moçambique, oficialmente República de Moçambique, é um país da costa oriental do continente africano” (COSTA E SILVA, 2002, p. 626-627 *apud* AMORIM; TRINDADE JUNIOR, 2018, p. 212) cuja língua oficial é a Língua Portuguesa.

O período que antecedeu Moçambique como República foi conhecido como uma fase de tensão de dez anos de luta armada, até o alcance da independência nacional, que ocorreu, finalmente, em 25 de junho de 1975, sendo os movimentos norteadores desse feito liderados pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), que, anos antes, havia se tornado “[...] um partido político oficialmente fundado em 1962 (como movimento nacionalista) que dentre os organizadores e primeiro presidente destaca-se o antropólogo Eduardo Chivambo Mondlane (1920–1969)” (AMORIM; FISCHGOLD, 2018, p. 169).

Posteriormente, outra batalha iniciou-se, dessa vez, uma guerra civil liderada pela FRELIMO contra a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO):

[...] causando a desestabilização da já frágil economia do jovem país. É neste período que muitos dos escritores moçambicanos contemporâneos ambientam suas obras, em diálogo com uma terra assolada por guerras, mas rica em sua pluralidade (AMORIM; TRINDADE JUNIOR, 2018, p. 214).

Sobre esse cenário de conflitos armados em Moçambique, a escritora Paulina Chiziane descreve em testemunho, por iniciativa da UNESCO, intitulado “Eu, mulher... por uma nova visão do mundo” (2013), as adversidades enfrentadas no país. O temor da morte, a ausência de quietude para realizar a sua escrita, a insegurança e dias de incertezas quanto ao futuro:

Em Moçambique há uma guerra. A cidade da Matola, onde eu vivo, é alvo de confrontos entre as tropas governamentais e os rebeldes. Os estrondos das bombas fazem já parte do nosso ambiente noturno. Vezes sem conta as balas estilhaçam os vidros da minha janela. Em cada noite a insegurança é absoluta[...] Por isso mesmo dou aos meus escritos um carácter de urgência. Não gostaria de morrer sem ter concluído a minha obra. Várias vezes fui obrigada a abandonar a inspiração porque na minha rua morriam homens em combate. Várias vezes abandonamos a casa interrompendo os meus escritos porque tinha que procurar abrigo, a guerra era quente (CHIZIANE, 2013, p. 204).

Esse processo histórico, constituído de derramamento de sangue e luta armada entre homens, acabou suscitando diversos debates; dentre esses, de como aconteceria o processo de constituição do nacionalismo moçambicano. Subuhana, em seu artigo “Moçambique: reflexão sobre a questão do nacionalismo e da cidadania” (2004), reafirma o posicionamento de Eduardo Mondlane ao considerar que, assim como em outros países africanos, este nasceu da experiência

da colonização. Para esse pesquisador, a experiência comum do povo, o sofrimento durante o controle do colonialismo português tornou-se um traço específico da unidade nacional:

A fonte de unidade nacional foi o sofrimento comum durante a primeira metade do século vinte sob o domínio português. Segundo o autor, “o movimento nacionalista não surgiu numa comunidade estável, historicamente com uma unidade linguística, territorial, econômica e cultural” (SUBUHANA, 2004, p. 6).

Nessa concepção, o pesquisador sugere que, por não haver homogeneidade nas novas estruturas sociais, demográficas e étnicas, a nação ainda não teria identidade consolidada como Moçambique pós-colonial, de maneira que, nessa fase, acredita que conseguiram apenas “[...] entrar independentes no concerto do mundo fora da colonização e tivemos flexibilidade para nos adaptarmos razoavelmente ao mapa herdado do colonizador” (SUBUHANA, 2004, p. 13).

Essa condição determinou ações de resgate das tradições e demais valores socioculturais do país, o que se tornou um dos objetivos da República de Moçambique, principalmente após a promulgação de uma nova Constituição da República em 1990.

O pesquisador Jorge Artur Avelino Cambinda corrobora que a descolonização tem sido um processo histórico e político gradativo após a Segunda Guerra Mundial, e que o ideal do nacionalismo tornou-se um tema presente nas discussões, ações, como a unificação cultural e política da nação, que também surgiram como ponto importante nos ideais do partido FRELIMO:

teve seu ritmo regulado, quer pelas formas de luta dos povos colonizados na conquista de sua independência, quer pela política de “concessões” de autonomia diferente segundo a potência colonizadora e, sobretudo, a especificidade de cada território (CAMBINDA, 2014, p. 55).

Percebe-se que o fenômeno da descolonização debatida por estudiosos indica um processo contínuo e de complexidade, ainda difícil de se categorizar, tendo em vista os fatores políticos e a concentração identitária existente no país, que impede uma ruptura categórica com um passado de domínio secular que deixou marcas de opressão e violência.

Consciente desses movimentos de resistência política e avizinhandose a dor do povo moçambicano, Paulina Chiziane posiciona-se criticamente em entrevista concedida a Luciana Leiderfarb, intitulada “Moçambique nunca conheceu momentos de paz” e disponibilizada pelo site “Expresso 50”. A autora manifesta questões referentes à difícil conjuntura social que vigora no país, inclusive, os focos de violência que ainda existem:

É uma tristeza profunda, mesmo. Porque este país nunca conheceu momentos de paz. E não é apenas o nosso país: infelizmente, o continente africano está a ser assolado por diferentes interesses do mundo. Ontem foram os portugueses, hoje não sabemos quem são nem porquê, mas é sempre usando os argumentos mais terríveis (LEIDERFARB, 2022).

Os reflexos desses contínuos combates irrompem no início do romance *Niketche*, que, mesmo não expondo explicitamente as marcas deixadas pelas guerras, indica os efeitos causados na memória daquela sociedade. Os homens estão fora, alguns constituíram outras famílias, como Tony, outros foram para as guerrilhas e não sobreviveram e as mulheres são as que mais sentem os ecos dos conflitos locais. No primeiro trecho da narrativa, Rami reflete: “Um estrondo ouve-se do lado de lá. Uma bomba. Mina antipessoal. Deve ser a guerra a regressar outra vez” (CHIZIANE, 2021, p. 9). Tal trecho remete aos fenômenos ocorridos em espaços de longas batalhas, que já haviam sido observados pelo sociólogo Michael Pollak, no final da década de 1980 e início de 1990, na França, em seus estudos sobre as significativas contribuições da história oral como nova área de pesquisa e as implicações nas relações entre a memória e a identidade social.

Dentre os eventos analisados por Pollak destacava-se a relevância na imersão das fontes orais e o exercício para garantir-lhes visibilidade, para que as histórias não fossem esquecidas: “A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças, durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas” (POLLAK, 1989, p. 5).

A necessidade de falar, de contar fatos que impactaram a vida daquela sociedade, inclusive a dos descendentes, histórias que não podem ser apagadas, mesmo que sejam lembranças dolorosas, são ações que fazem parte do processo de resgate da história de um povo.

Amadou Hampaté Bâ, africano e pesquisador, reforça essa perspectiva: “E, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 168). Sobre esse aspecto, Paulina Chiziane complementa, ao apontar as consequências do colonialismo e dos sofrimentos que reverberam através da memória de Moçambique, episódios que gostaria que fossem acontecimentos possíveis de serem apagados na história da Humanidade:

[...] tivemos uma invasão colonial e vieram os ditos civilizadores com a sua religião, prometendo levar-nos ao céu. Mas qual foi o preço desse céu desde que fomos invadidos? Todos os pretos conheceram o inferno da colonização e da escravatura (LEIDERFARB, 2022).

Nesse sentido, percebe-se o empenho da escritora Paulina Chiziane em compartilhar memórias ricas em oralidade em sua escrita e além dessa, através das suas declarações e relatos que exibem as agruras dos moçambicanos, em especial, durante o período de dominação dos colonizadores e que revelam consequências na construção da identidade do país, que, segundo a escritora:

É uma busca permanente. A identidade tem de ser construída e reconstruída todos os dias. Não é um produto acabado. Falar de identidade é falar de um processo de libertação. É saber viver com todas as culturas, conhecendo de onde venho. A cultura que vem para destruir a minha tem de saber que eu tenho valores, valores culturais [...] (LEIDERFARB, 2022).

O enaltecimento dos valores culturais de Moçambique, a comunhão com as suas origens são atitudes identificadas na forma que a autora estende a sua voz e inclui coletivamente os seus feitos, homenagens que recebe, espaços que ocupa e onde procura incorporar também os demais moçambicanos.

Na ocasião, que auferiu, com surpresa, o recebimento do Prêmio Camões, em entrevista concedida à repórter Márcia Maria Cruz, do jornal Estado de Minas, no Caderno Pensar, disponibilizada em 29 de outubro de 2021, pelo Portal Uai, no *YouTube*, assim como em outras entrevistas, apresentou-se como uma “contadora de histórias”, título que faz questão de conservar em respeito e valorização à tradição da oralidade em seu país.

Na oportunidade, evidenciou sobre o prêmio, que tal acontecimento poderia contribuir para a afirmação de alguns moçambicanos, por seus livros exibirem uma mistura de histórias do seu povo, do centro, do norte e do sul de Moçambique, narrativas que, segundo a escritora, “trazem a nossa visão de mundo, os nossos sonhos, nossas frustrações, nós como africanos, como moçambicanos, como negros” (PORTAL UAI, 2021).

No que se refere à formação da identidade nacional, essa imbrica-se a outro processo, o de formação da literatura moçambicana, que tornou-se mais visível após o fenômeno do colonialismo, firmando-se, efetivamente, com o episódio da independência, um trânsito literário do qual Paulina Chiziane faz parte, através da sua escrita feminina que, além de reconstituir a historicidade do país, oportuniza reconhecer a importância da mulher também na construção dessa identidade, sendo essa responsável pela propagação da cultura nacional dentro do seu núcleo familiar e, além desse, por meio da oralidade e do próprio viver.

2 LITERATURA COLONIAL À PÓS-COLONIAL: VOZES FEMININAS EM *SANGUE NEGRO E NIKETCHE*

2.1 A precursora Noémia de Souza

Constituída em sua essência pela tradição da oralidade, a literatura de Moçambique, compreende uma ampla produção escrita em língua portuguesa, iniciada ainda durante o período colonial, fase essa em que os escritores começavam a questionar o colonialismo e, apesar de ainda não ser considerada uma escrita relevante para a cena literária no século XIX, iniciava-se um movimento para os primeiros registros em periódicos locais.

Um marco significativo no surgimento da literatura de Moçambique foi a criação do jornal “O Brado Africano”, no século XX, fase em que despontou os primeiros textos durante o período colonial, condensados em convicções políticas que surgiam como forma de resistência ao sistema colonialista: “O Brado Africano foi um dos jornais mais marcantes e decisivos na verdadeira divulgação da poesia moçambicana. Publicado em Lourenço Marques (Maputo), apareceu no cenário jornalístico” (AMORIM; FISCHGOLD, 2018, p. 116). O jornal foi responsável por reunir poetas e escritores que possuíam os mesmos pensamentos ideológicos. Dessa forma, ganhou relevância com “[...] a contribuição de grandes autores como Virgílio Lemos, Fonseca Amaral, Rui Noronha, Noémia de Sousa, entre outros” (AMORIM; FISCHGOLD, 2018, p. 117).

De modo que, nomes como o de José Craveirinha contribuíram para o êxito do periódico, extinto, poucos anos depois, em razão de opiniões que começaram a ficar divergentes sobre o conteúdo do que era publicado. É justamente nesse período que surge a escrita da poetisa Noémia de Sousa cujo engajamento político e libertário inspirou-a a escrever todos os seus poemas entre os anos de 1948 e 1951, um compilado de 46 poemas que originaram o livro *Sangue negro* (1951).

Em edição brasileira recente, de 2016, da editora Kapulana, a professora e pesquisadora Carmen Lúcia Tindó Secco assina o prefácio, intitulado “Noémia de Souza, grande dama da poesia moçambicana”. Nesse texto a pesquisadora define características existentes na escrita da poetisa que arrebatava tantos leitores. Segundo Secco (2016, p. 12), “há, na poesia de Noémia, uma emoção e uma musicalidade tão profundas, que atravessam tempos e espaços”. Nessa escrita introdutória, a pesquisadora explicita que Noémia de Sousa é uma escritora pioneira no

universo literário feminino moçambicano que, dentre várias questões, denunciava as opressões sofridas pelas mulheres e pelos negros em Moçambique.

Tornando-se o conjunto de seus poemas material primordial para escritores, estudiosos e apreciadores de sua poesia, a primeira edição de *Sangue Negro* foi realizada pela Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO), em 2001, e, dez anos mais tarde, pela Editora Marimbique, de Nelson Saúte, ambas moçambicanas. As publicações teriam cumprido “[...] a tarefa de consagração da primeira poetisa das letras de Moçambique, considerada por Zeca Afonso, compositor e cantor da ‘Grândula Morena’, nas celebrações do 25 de abril, ‘a mãe dos poetas moçambicanos’” (SECCO, 2016, p. 14).

Reverenciada por ter sido a primeira voz feminina da poesia no país, na edição brasileira de *Sangue Negro* (2016), foram reunidos diferentes textos que compuseram as edições anteriores, como prefácios assinados por grandes nomes da literatura, que buscaram exprimir a força e resistência encontradas nas mensagens produzidas por Noémia. No texto “Noémia de Sousa: a metafísica do grito”, Francisco Noa (2016) pontua que:

Tal como a maior parte dos escritores africanos da sua época - como o serão, afinal, os das épocas subseqüentes, conhecido e reconhecido que os períodos pós-independentistas, de estabelecimento das democracias e da mundialização do planeta continuam a exigir que cada vez mais as vozes dos escritores em África não emudeçam - , a voz poética de Noémia de Sousa transcendente, em largos momentos, os limites egotistas, espaciais e temporais instituindo-se de certo modo, como uma voz de aspiração plural e universalista (NOA, 2016, p. 170).

Em outro texto, assinado por Nelson Saúte, “A mãe dos poeta moçambicanos”, o escritor sinaliza que, em curto tempo, exatos três anos, bastou para que a produção literária de Noémia resultasse em uma literatura que conseguiu “incendiar o rastilho da poesia que reivindicava a personalidade dos oprimidos, que fundava a literatura dos marginalizados” (SAÚTE, 2016, p. 176). Nesse intenso texto, Saúte sintetiza a biografia de Souza e a sua trajetória de vida, na qual a militância e literatura estiveram lado a lado. Ao findar, Saúte (2016) declara:

costumo dizer que Noémia de Souza faz parte dos meus antepassados literários. Digo com inescandível afeto. Não há, não pode haver, um privilégio maior do que amar esta mulher a quem hoje (re)apresento e de quem tenho o privilégio de chamar “Mãe” (SAÚTE, 2016, p. 182).

A edição da editora “Kapulana” celebra Noémia e brinda o leitor com o poema “Porquê”, escrito em novembro de 1949, que além de constar no conjunto de textos do livro, é reiterado, sendo exposto no centro da contracapa:

Por que é que as acácias de repente
 floriram flores de sangue?
 Por que é que as noites já não são calmas e doces,
 por que são agora carregadas de electricidade
 e longas, longas?
 Ah, por que é que os negros já não gemem,
 noite fora,
 Por que é que os negros gritam,
 gritam à luz do dia?
 (SOUZA, 2016, p. 62)

Com características de versos livres, ouve-se, na poesia de Noémia, uma voz feminina atenta às injustiças sociais, cujo testemunho expressa a luta do povo negro e do sangue derramado pelos marginalizados, vitimados pela opressão do colonizador. Os seus poemas reunidos originaram a obra que tornou-se referência para outras vozes femininas, escritoras moçambicanas, dentre elas, a de Paulina Chiziane, cuja carreira literária teve início algumas décadas depois.

2.2 Paulina Chiziane e sua prosa poética

Paulina Chiziane, nascida no sul de Moçambique, em 1955, na cidade de Manjacaze, na Província de Gaza, no continente africano, presenciou, ainda menina, acontecimentos dolorosos na capital de seu país:

Foi, ainda pequena, para a capital, onde realizou seus estudos, vivenciando em seu cotidiano as histórias do colonialismo: exploração, segregação e injustiças. Vivenciou o entusiasmo e as dificuldades daqueles anos do período pós-independência, as dificuldades de implantação de uma nova nação (AMORIM; TRINDADE JUNIOR, 2018, p. 245).

Na juventude em Maputo, frequentou o curso de Linguística por algum tempo, período em que também atuou na militância política pela Frente de Libertação Moçambicana (FRELIMO), e, mais tarde, iniciou a publicação de contos na imprensa local. Posteriormente, com o primeiro romance publicado, *Balada de amor ao vento* (1990), tornou-se a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, obra em que já tratava da temática da poligamia e, por esse motivo, encontrou resistência por parte da sociedade local, sobretudo, dos homens, a julgarem a sua escrita:

Primeiro com cepticismo e muito desprezo da parte dos homens. Muitas pessoas acreditavam e ainda acreditam que a mulher não é capaz de escrever mais do que poeminhas de amor e cantigas de embalar. Consideraram-me uma mulher frustrada, desesperada, destituída de razão. Foi um momento terrível para mim. Mas, por outro lado, estas atitudes tiveram um efeito positivo porque forçaram-me a demonstrar pela prática que as mulheres podem escrever e escrever bem [...] (CHIZIANE, 2013, p. 203).

Apesar das dificuldades, nesta fase ocorria o desenvolvimento histórico de Moçambique e, aos poucos, a literatura do país iniciou o seu processo de consolidação, antes, sufocado pelos resquícios do poder colonialista. Cláudia Amorim e Christian Fischgold, com base nos estudos de Laranjeira (1995), revelam que, na fase colonial à pós-colonial, percebia-se, ainda, uma literatura estabelecida sob três vertentes principais que logo transformaram-se; em síntese:

Produção de textos e sua publicação nas condições adversas do gueto, na herança de um nacionalismo resultante da tendência para incorporar-se ao pan-africanismo, absorvendo a experiência neorrealista e negritudinista [...] Produção de textos e sua publicação nas mesmas condições de gueto, todavia inseridos na herança fundamentalmente lusófona e anglófona, mas também francófona [...] Produção de textos e sua publicação em completa liberdade incondicional, fora de Portugal e das colônias, de temática guerrilheira, sobretudo, ou quase só, de poesia (AMORIM; FISCHGOLD, 2018, p. 163-164).

Um momento de transição importante é analisado pelo professor e ensaísta moçambicano Francisco Noa, em seu livro *Uns e outros na literatura moçambicana* (2019). Segundo Noa, precisou de algum tempo para que a literatura se firmasse e foi a partir da imprensa que se iniciou um grande ímpeto revolucionário, momento importante para as artes e produção de textos literários naquele país, desencadeando, assim, uma revitalização dessa literatura, em meados da década dos anos 1980, época em que se consagraram autores como Paulina Chiziane, que teve os seus primeiros contos publicados. Desse modo, a literatura colonial apenas exprimia uma visão legitimadora da presença dos colonizadores na África, revigorando-se aos poucos:

Em meados da década de 80, a literatura moçambicana vai conhecer uma revitalização notável, quer pelo número dos autores e dos textos produzidos, quer pela qualidade e diversidade do que é publicado. É a explosão de uma liberdade subjetiva e criativa que vai permitir o relançamento de uma escrita que, nascida sob o signo de Prometeu, instituiu uma historicidade e uma aura própria, em que o inconformismo do verbo e a inquietação identitária se fundem na sua imagem de marca (NOA, 2019).

Os escritores moçambicanos contemporâneos concentraram-se em diferentes estratégias para que superassem, no seu espaço discursivo, o enfoque político que percebia-se nos textos anteriores a esta fase: “Fato que se deve essencialmente à circunstância de essas mesmas

literaturas e os seus autores terem emergido e evoluído a partir do contexto colonial com todas as implicações e os seus correlatos sociopolíticos, culturais, linguísticos, éticos, vivenciais [...]” (NOA, 2019). Nota-se, nesse período, que coexistia uma literatura contemporânea com traços do recente decurso, adicionando à história os anseios do que acreditavam que estaria por vir: “O escritor moçambicano contemporâneo encontra-se em uma eterna confluência entre aquilo que o país é, aquilo que acabou se tornando e aquilo que almeja se tornar [...]” (AMORIM; TRINDADE JUNIOR, 2018, p. 219). Nesse contexto, compreende-se que essas ideias deviam-se ao fato de três influências existentes: a crítica social ainda da fase colonial, a continuidade dessa crítica, mas com atenção à construção do cenário sociopolítico novo e a esperança nas reivindicações de um futuro promissor para as gerações vindouras. Uma narrativa de emergência de valores sociais positivos e centrais, antes pouco concedido e valorizado, que Paulina Chiziane não temeu trilhar, com a esperança de dias melhores, principalmente para as mulheres:

A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema. Coloquei no papel a aspirações da mulher no campo afectivo para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas. Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como pensam e sentem, ninguém o fará da forma como elas desejam (CHIZIANE, 2013, p. 203).

A autora complementa que segue a sua trajetória, mas que chegou a sofrer muito preconceito, condição que ainda perdura em seu país, não havendo valorização pelo que é concebido pelas mãos das mulheres. Menciona que, temendo ser observada, quando começou a escrever, preocupava-se em usar em seus textos apenas palavras apropriadas, não se sentindo livre para o uso de qualquer linguagem, o que lhe levou a fazer, muitas vezes, uma autocensura na sua escrita, com receio de parecer, para alguns, ofensiva, questão que não afeta os escritores homens, que tudo podiam ao escrever, pois recebem reconhecimento sem sofrerem discriminação.

Com sua iniciativa, Chiziane visou desconstruir a ideia de que valores literários teriam relação com a questão de gênero dos autores, fortalecendo a perspectiva de que a capacidade de observação e criação de cada escritor seria o fator determinante para o resultado da obra. Dessa forma, o trabalho criativo seria o diferencial para o sucesso nessa composição, exercício literário que Paulina Chiziane consegue orquestrar com maestria, ao desenvolver, em seus textos, aspectos de fatos da vida que lhe contagiam.

A escritora acrescenta que sua escrita sempre foi compreendida pelos seus leitores, pessoas comuns, não havendo problemas de aceitação quanto à sua forma de escrever. No

entanto, em seus primeiros livros, recebeu muitas críticas por parte de algumas instituições acadêmicas, que desaprovaram o seu “português”, por transpor no texto falas populares. Longe de aceitar as pressões impostas para aderir aos parâmetros dos cânones europeus, segue em diálogo com as tradições e cultura que reconhece como as suas e adiciona a renovação estética necessária para atender a linguagem da contemporaneidade, estratégia que possibilita instigar até o público leitor mais recente. Defende-se de que não costuma aceitar interferências nos seus textos; não aceita que se intrometam, que influenciem ou governem o seu caminho, pois a sua escrita é um lugar de liberdade, portanto só acolhe as críticas construtivas ao seu fazer literário.

Noa destaca a especificidade da composição artística de obras africanas, cuja liberdade se encontra na singularidade das fronteiras nas composições. Cita:

No permanente jogo de representações de que a arte africana, no seu todo, é pródiga, invariavelmente se tecem, diluem e refazem as fronteiras entre obra e contexto, numa reinvenção quase sempre vibrante quer do vivido quer dos artificios compositivos que desafiam tanto a estabilidade conceitual da arte como a própria estrutura do real (NOA, 2019).

Os fatos vividos, o real/imaginário, o testemunho/memória, uma trama de elementos que não se mostram isolados, há, nessa dinâmica da arte e, aqui pensado, na arte da escrita de Chiziane, uma rede de cooperação que sustenta uma mesma estética.

Em entrevista ao programa Extra-Classe, no canal do Sinpro Minas, no *YouTube*, em 6 de agosto de 2018, Chiziane declara que a força e obstinação que aplica em seus textos foram adquiridas na juventude, através da sua participação na Frente de Libertação Moçambicana (FRELIMO). E, apesar da sua militância ter se baseado em atos como distribuir panfletos e manifestos pós-independência de Moçambique, esse feito ajudou-a a manter-se mais firme nos seus objetivos. Em justificativa a sua persistência, ainda na entrevista disponível no site “Expresso 50”, a autora reforçou o preconceito que sofreu no início da sua trajetória, como a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique:

[...] Quando comecei a escrever, existia o preconceito cultural segundo o qual as mulheres eram seres inferiores. [...]. Essas foram algumas das barreiras que tive de vencer. Não foi fácil e não sabia exatamente o que estava a fazer, mas o gosto de contar uma história fez com que eu fosse escrevendo e escrevendo (LEIDERFARB, 2022).

Chiziane, de natureza reflexiva, fez a sua vida um alicerce de suas histórias, mas também incluiu, nesse processo, o pensamento do não vivido, junção que lhe fez avançar na construção dos seus romances uma combinação de ideias que cresceram de tal forma que precisaram ser

transpostas ao papel. A autora não viveu exatamente tudo o que escreve, mas esteve com seu olhar presente nos acontecimentos comuns dos que vivem à sua volta:

À medida que ia crescendo, ia contemplando os fundamentos da existência humana, cada dia com maior profundidade. Observava o labor dos seres humanos, o seu sacrifício, os homens que morriam sem nunca terem conseguido realizar os seus sonhos. Encontrava uma grande contradição entre o mundo que me rodeava e o mundo que residia no meu íntimo. Senti necessidade de desabafar. Desabafar lavando nas águas do rio, como fazia a minha mãe, já não fazia parte do meu mundo. As cantigas na hora de pilar não eram suficientes para libertar a minha opressão e projectar a beleza do mundo que sonhava construir. Comecei a escrever as minhas reflexões (CHIZIANE, 2013, p. 202).

Sobre vida e obra, define o pesquisador Dominique Maingueneau (2001, p. 45): “O importante é a maneira particular como o escritor se relaciona com as condições de exercício da literatura de sua época”. De maneira que, para Maingueneau, o essencial é que a gestão da escrita seja parte inerente à criação, isto é, não seria possível desvincular esse processo dos acontecimentos da vida. O pesquisador, ainda, define: “Na realidade, a obra não está fora de seu contexto “biográfico”, não é o belo reflexo de eventos independentes dela” (MAINGUENEAU, 2001, p. 46). Portanto, nesse aspecto, Maingueneau sairia em defesa de que a própria literatura participaria da sociedade que ela representa, sendo plausível que uma obra participe também da vida do escritor, havendo apenas a necessidade de uma dinâmica para se gerir a união entre a obra na vida e a mesma na obra.

Em contexto semelhante, Walter Benjamin explica que a arte de narrar pode ser compreendida com uma forma artesanal da comunicação e que a marca de quem narra pode ser assim percebida:

O importante para ela não é transmitir o puro “em si” da matéria, como se se tratasse de uma informação ou de um relatório. Faz descer a matéria à vida de quem conta, para fazê-la emergir de novo a partir dele. Desse modo, a marca própria de quem conta é detectável na história narrada, tal como a marca do oleiro no vaso de barro. (BENJAMIN, 2018)

O fato de ter vivenciado diversos episódios do período pós-independência proporcionou a Chiziane uma visão íntima das novas representações sociais e políticas irrompidas no país, que, por sua vez, lhe auxiliaram na compreensão do viver da mulher moçambicana. Em suas narrativas, conseguiu incluir outras vozes que venham a exercer o protagonismo feminino futuro, mesmo diante das dificuldades:

A escrita trouxe-me uma série de conflitos na esfera familiar. Raros são os casos de mulheres que seguem a carreira artística e que possuem uma família equilibrada. Esta é a minha situação e a minha luta. Com as minhas mãos, afastou pouco a pouco os obstáculos que me cercam e construo um novo caminho na esperança de que, num futuro não muito distante, as mulheres conquistarão maior compreensão e liberdade para a realização dos seus desejos (CHIZIANE 2013, p. 204).

Dina Salústio, escritora cabo-verdiana, ratifica a importância da autoria feminina para as mulheres do continente africano, pois é uma “oportunidade para falar dos seus silêncios, das suas vitórias e derrotas, da sua luta pela liberdade e pelos direitos” (SALÚSTIO, 2018).

Nesse propósito segue o projeto literário de Paulina Chiziane, que se ocupa em superar obstáculos e a descortinar o contexto social de Moçambique através da sua prosa feminina que impulsiona outras mulheres a romperem preconceitos e a buscarem a realização de seus ideais, motivo pelo qual “Chiziane é considerada como uma voz do feminismo negro em Moçambique, pelo fato de, em seus textos, suas personagens serem guiadas a tomarem consciência de seus direitos e vontade” (AMORIM; TRINDADE JUNIOR, 2018, p. 247).

Ainda ao Extra-Classe, Chiziane partilhou processos importantes para a sua escrita, e que fazem parte da composição de sua obra, ao mencionar que a literatura a ajuda entender melhor o mundo, sendo o seu propósito colocar no papel a sua visão deste mundo e daquele que ela gostaria que existisse. Logo, procura demonstrar também, nos seus textos, situações que promovam uma possível reflexão por parte da sociedade, preocupando-se mais em contar suas histórias do que escrever um texto que seja conceituado como um gênero específico como o romance, pois tem como meta conservar a tradição oral, razão pela qual não se detém a um modelo estético pré-determinado.

2.3 Identidade e cultura em *Niketche*

Em *Niketche*, os personagens revelam diferentes traços étnicos, religiosos, culturais através de diálogos que levam o leitor ao encontro de um mosaico formado por registros de memórias e de identidades culturais moçambicanas. O romance dispõe de uma narradora-personagem, Rami, casada há mais de 20 anos com o comandante de polícia Tony. A narrativa apresenta a fragilidade dela ao sentir-se abandonada, com o marido cada vez mais ausente, fato que representa a condição de muitas mulheres que enfrentam o machismo dos seus companheiros, homens que consideram natural manterem casos extraconjugais.

A história prossegue com Rami investigando quem seriam as outras mulheres de Tony e vai encontrando-as uma a uma, através de pistas e informações reveladas, cujo resultado são inúmeras brigas nessas descobertas, ocorrendo agressão física e discussões entre elas.

Como esposa legítima, após o percurso conturbado, consegue a reunião de todas as mulheres: Julieta, Luísa, Saly e Mauá, que, como amantes de seu marido, são tidas, inicialmente, como rivais, por disputarem o amor e atenção do mesmo homem que, com cada uma delas, estabeleceu casa e teve filhos. Após o período de rivalidade entre as mulheres, Rami reconhece que ela e as demais mulheres de Tony sofrem com a solidão e o abandono, sendo a visita do homem cada vez mais escassa na residência de todas, que são esquecidas e preteridas: “Vivi apenas dois anos de felicidade completa num total de vinte e tantos anos de casamento” (CHIZIANE, 2021, p. 11). Essas questões levam a personagem a reconsiderar a situação, tornando-se, posteriormente, amiga de cada uma das mulheres, com intenção de apoiá-las. Paulina Chiziane preocupa-se em garantir a Rami e às demais mulheres de Tony um lugar de redenção, com final surpreendente: o homem, que era disputado e figura central dos relacionamentos, passa a ser ignorado e torna-se rejeitado por cada uma delas.

O romance proporciona ao leitor a chance de pensar em novos espaços que podem ser ocupados pelas mulheres, seja em Moçambique ou em qualquer outro país. A narrativa rompe com a exclusividade do protagonismo masculino, mostrando possibilidade de independência das mulheres, que terminam sua trajetória com novos amores e com negócios em ascensão.

A particularidade de uma voz feminina proporciona romper com o silenciamento imposto por décadas ao gênero. Uma preliminar observação dos elementos que compõem os textos da autora direciona o leitor a diferentes prismas, aspectos que não competem entre si, pelo contrário, complementam-se, formando uma teia potente que reúne crítica social, testemunho, ficção, autobiografia, historicidade que Chiziane, poeticamente, reparte com o mundo através de seus textos:

A leitura das narrativas de Paulina Chiziane nos permite entender um Moçambique construído no feminino por meio de uma literatura que problematiza temas como poligamia, escravatura, guerra civil, religiosidades, maternidade, misticismo, colonialismo, mestiçagem, ruralidade, urbanidade, entre outros temas tão caros ao movimento da moçambicanidade (FREITAS, 2021, p. 6).

Uma criação literária que celebra os dons da ancestralidade, os ritos consagrados, a confluência de signos que mostra uma Moçambique marcada por cicatrizes, mas, ainda assim, esperançosa com um futuro no qual o lugar da mulher possa ser ressignificado, em que as

mulheres que viram, ouviram e sentiram as guerras recentes possam encontrar condições de refazerem as suas histórias.

Em face do romance *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), publicado cerca de seis anos após *Niketche* (2002), a narrativa concebida por Paulina Chiziane depreende os espaços que avultam marcas de guerrilhas e confrontos, interferindo na dinâmica das personagens.

Nos estudos de Izabel Cristina dos Santos Teixeira, a pesquisadora, ao discorrer sobre os enredos dos romances *Ventos do Apocalipse* (1999), *O sétimo juramento* (2000), *Niketche: uma história de poligamia* (2002) e *O alegre canto da perdiz* (2008), destaca como elo principal as personagens femininas e suas experiências cotidianas, triviais, mas que não deixam de transparecer o legado das guerras ocorridas na história do país:

Nesse primeiro contexto, as experiências subjetivas das personagens, alimentadas por práticas culturais, dentre elas, a religiosidade, nos rituais tradicionais, os vínculos de afetividade familiar e pessoal; a amizade, solidariedade e a própria traição, se destacam em cada narrativa (TEIXEIRA, 2021, p. 58).

Quando afastadas desse cenário protótipo, as personagens surgem em parições que são súplicas ao retorno de suas origens, do reencontro com a força ancestral feminina que o colonizador tentou dominar e apagar. São situações que não passam sem embates, mas permitem que a temática memória pós-guerras seja problematizada; são os traumas *versus* reconstrução de uma origem por tempos encerrada:

A multidão vê a mulher nua sentada num trono de barro, beira do rio. Na posição de lótus, colocando a sua intimidade na frescura do rio. Vê-lhe o interior desabrochado, como um antúrio vermelho com rebordos de barro (CHIZIANE, 2008).

Maria da Dores, a mulher que, na narrativa *O alegre canto da perdiz* (2008), é considerada a “louca do rio”, desnuda a sua dor ao desafiar os costumes e exhibir o seu corpo aparentemente intacto, mas com o espírito sofrido em consonância com a condição do cenário maltratado.

Em *Niketche*, também há um clamor pelas raízes. Rami defende a ancestralidade ao criticar a falsa moral dos homens, que naturalizam a violência, mas se chocam com a nudez dos corpos femininos. Nas divagações da personagem, metaforicamente, destaca o continente africano desprovido, devastado, que ainda vive sob dominações, inclusive a cultural, que se revela no controle do comportamento das mulheres:

Povo africano, povo nu. Povo de tangas, de pobreza. Povo simples, ligado à natureza. Em África o calor vem do sol e da alma. Por isso as mulheres se desnudam e se refrescam nos rios lavando roupa. Nos campos, elas andam de mamas ao léu, semeando, colhendo, sachando. Oh, mãe África, mãe nua! Como pode a nudez das tuas filhas ser mais escandalosa que a tua, mãe África? (CHIZIANE, 2021, p. 129).

Outras simbologias relacionadas ao continente africano e Moçambique são introduzidas pela autora Paulina Chiziane em seus romances. Em atenção à relação entre a memória e experiências de vida, para a pesquisadora Cíntia Acosta Kütter, no livro *O alegre canto da perdiz* (2008), as personagens femininas, com suas experiências, simbolizariam as transformações históricas do próprio país, conforme descrito:

[...] entremeiam-se umas às outras formando um único corpo feminino, duplo desta terra mátria [...] E como fora importante o entrelaçamento dessas vozes, afetos e corpos oriundos de gerações, classes sociais e cores diferentes para formação do país. As transformações sofridas pelas personagens ao longo do romance podem ser lidas como metáforas das mudanças que ocorreram em Moçambique ao longo dos anos[...] (KÜTTER, 2021, p. 31).

Observa-se que os corpos das personagens são constituídos de dores que ainda pulsam, das lembranças de conflitos locais recentes, se adaptando às novas configurações sociais, em oposição ao desejo de conservar as suas raízes culturais. À margem, uma nação nova, em construção, que exala todos os registros traumáticos da transição pós-colonial e pós-independência em contraste com as práticas oriundas da tradição e conhecimentos herdados, o âmago da existência africana, o desejo de regressar à origem: “Uma mulher negra, tão negra como as esculturas de pau-preto. Negra pura, tatuada, no ventre, nas coxas, nos ombros. Nua, assim, completa” (CHIZIANE, 2008).

Em concordância, a perspectiva de imersão à origem, ainda a partir do romance *O Alegre canto da perdiz* (2008), a professora e pesquisadora Norma Sueli Lima descreve, em sua análise comparativa com a obra *Úrsula*, edição de (2004), de Maria Firmina dos Reis, a existência de uma origem personificada nos textos das autoras através de seus relatos orais. A pesquisadora cita:

Nos elementos narrativos cuja perspectiva das águas são personificadas em fontes, rios e mares, há o encontro e o desencontro com os mitos africanos que a diáspora – no caso do Brasil – e o colonialismo – em Moçambique – tentaram abafar, mas que surgem nos dois romances como pontos de resistência (LIMA, 2021, p. 123).

Em *Niketche*, percebe-se uma visão similar quando mulheres reunidas falam de si mesmas enquanto contemplam o mundo que as rodeia. A constatação que chegam juntas é a de

que cada mulher é única nos seus corpos e experiências, momento em que as histórias se estranham e outras, que se reconhecem, se aproximam, reflexões que as levam, quase sempre, às mesmas aspirações, o reencontro com a herança ancestral:

Tenho destino de água porque sou do mar. De todo o corpo sou aquela que mais mergulha, ao despertar, ao deitar, ao sol do meio-dia. Tenho a humidade do limbo e das margens dos rios. Sou um pedaço de mar que não sobrevive sem um mergulho nas águas tépidas (CHIZIANE, 2021, p. 163).

O feminino que mistura-se ao natural, a natureza que se sobrepõe e ocupa os espaços entre a humanidade e que transcende o entendimento, pois está acima e além do que se define comum: o sagrado, o materno e místico poder originário: “Nós, mulheres, somos um rio de curvas superficiais e profundas em cada palmo do corpo. As curvas mexem as coisas em círculo” (CHIZIANE, 2021, p. 38).

A oralidade na escrita de Chiziane celebra os mitos, exalta os dons do conhecimento feminino e sua voz literária ecoa confrontando as investidas do sistema colonial em extinguir a história milenar do povo africano, a sua essência e memória: “Gotas de água escorrendo sobre as costas, como contas de lágrimas, na grinalda de uma noiva” (CHIZIANE, 2008). É nesse deslocamento do feminino ao seu ciclo vital que a autora transcende as repressões e reconta histórias pela perspectiva das mulheres.

Ao Extra-classe, Chiziane explicou fatos sobre a construção do romance *Niketche: uma história de poligamia* (2002); a escritora expõe que pensou apenas em escrever sobre o universo feminino, e que, apesar de julgarem que sua escrita tenha um apelo feminista, se assim for, ocorreu espontaneamente. A autora revela que sua inspiração aconteceu diante dos seus olhos, uma cena comum, cotidiana. Descreve que estava, certo dia, na varanda de sua casa, quando percebeu três mulheres brigando por causa de um homem. Tratava-se da esposa do homem que carregava um bebê no colo e brigava com duas amantes do marido. No ocorrido, ficou perplexa que o homem tenha visto a situação e tenha partido do local, sendo omissos às circunstâncias, e dessa cena, surgiu a ideia de escrever sobre o tema da poligamia. Para os pesquisadores Amorim e Trindade Junior:

no livro, o processo de ocidentalização teria provocado uma perversa adulteração de certos costumes, como a poligamia, que acabou por ser mantida sem respeitar os direitos que as mulheres tinham na sociedade tradicional (AMORIM; TRINDADE JUNIOR, 2018, p. 246).

Assim, na trajetória das personagens, de trocas e conhecimentos, chocam-se as distintas origens dessas cinco mulheres, o que desencadeia uma colisão das diferenças culturais de Moçambique a partir dos contrastes entre elas. Conforme Chiziane as descreve, vão sendo percebidas práticas distintas, no que se refere aos ritos, crenças e magias ancestrais femininas, elementos que são abordados por diversas vezes no romance. Em relação a essa composição na literatura do país, Noa (2019) explica:

Essa mesma energia pode também ser encontrada no sofrido, mas exuberante, cotidiano preenchido por inúmeras e variadas ocorrências, no misticismo dos lugares, no poder sortilégio dos rituais e das tradições, na fervilhante e desconcertante reordenação das linguagens e dos imaginários [...] (NOA, 2019).

As diferenças culturais são expostas mais diretamente a partir dos costumes da região do sul e do norte de Moçambique, o que é demonstrado por meio da representação das personagens que expressam suas vivências e tradições de acordo com suas regiões de origem. Contrastes que alicerçam a história e marcam, no decorrer da trama, as dissemelhanças entre as identidades femininas, que acabam se deslocando, a começar por Rami, que é uma mulher do Sul. Ela mesma explica as diferenças:

As mulheres do sul acham que as do norte são umas frescas, umas falsas. As do norte acham que as do sul são umas frouxas, umas frias. Em algumas regiões do norte, o homem diz: querido amigo, em honra da nossa amizade e para estreitar os laços da nossa fraternidade, dorme com a minha mulher esta noite. No sul, o homem diz: a mulher é meu gado, minha fortuna. Deve ser pastada e conduzida com vara curta. No norte, as mulheres enfeitam-se como flores, embelezam-se, cuidam-se. No norte a mulher é luz e deve dar luz ao mundo. No norte as mulheres são leves e voam. Dos acordes soltam sons mais doces e mais suaves que o canto dos pássaros[...] (CHIZIANE, 2021, p. 33).

A obra de Chiziane reflete os confrontos na construção de uma cultura nacional, sendo Moçambique o espaço da narrativa. É perceptível a heterogeneidade, em consequência ao processo histórico do país; Bhabha (1998) explica sobre certas fronteiras:

Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do “presente”, para as quais não parece haver nome próprio além do atual e controvérsio deslizamento do prefixo “pós”: pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo [...] (BHABHA, 1998, p. 19).

Para Homi K. Bhabha, esses deslocamentos não podem mais ser considerados apenas como diversidade cultural, pois, hoje, trata-se de um fenômeno global, assim, devem ser consideradas as “diferenças culturais”, não havendo possibilidade de caracterizar, por exemplo,

uma nacionalidade homogênea, sendo mais coerente pensarmos na articulação do hibridismo cultural. De acordo com a sua visão, as culturas nacionais sofrem mudanças constantes; o indivíduo, ao adquirir uma nova cultura, passa a ter sua identidade modificada, daí surge a hibridez de discursos mantendo o indivíduo no chamado “entre-lugar”:

Os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas, a transmissão consensual ou contígua de tradições históricas, ou comunidades étnicas “orgânicas” - enquanto base do comparativismo cultural -, estão em profundo processo de redefinição (BHABHA, 1998, p. 24).

Em *Niketché*, apesar de não se perceber as marcas do tempo de maneira tão linear, a vida das personagens, a maneira como cresceram em regiões tão desiguais, tornaram-nas mulheres que estão prosseguindo por caminhos que transcorreram simultaneamente. Ainda de acordo com Bhabha (1998, p. 19), “encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão [...]”. Trata-se de uma dicotomia: Moçambique dos ritos de iniciação frequentados pelas mulheres do norte, das igrejas cristãs frequentadas pelas mulheres do sul, a poligamia ainda existente no país, da falta de condições financeiras das mulheres, que as leva a tornarem-se concubinas, do serviço público do marido de Rami, que retrata o espaço burocrático; Rami, esposa orgulhosa por ser casada no catolicismo europeu e monogâmico, apesar de ser traída pelo marido. Uma série de contrastes e de “entre-lugares” de personagens, que buscam se encontrar em suas vivências:

Esses entre-lugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 1998, p. 19-20).

Para exemplificar as diferenças de ritos e cerimônias, Chiziane expõe a polêmica que envolve os ritos de iniciação das mulheres do norte de Moçambique, que são estimuladas sexualmente de maneira precoce, em escolas de preparação, práticas em que as meninas, muito jovens, aprendem a tocarem-se e a estimularem-se. No romance, apesar de não haver um posicionamento negativo quanto a essa questão, a autora provoca reflexões sobre tais costumes, que implicam no despertar das meninas para uma vida sexual precoce, em alguns casos, fatores responsáveis por casamentos indesejados e abortos clandestinos, entre outros problemas.

O próprio texto manifesta opções, ao descrever que a igreja tentou reprimir e perseguiu tais práticas, contudo, uma solução seria a reformulação dos ritos, as execuções tradicionais

poderiam ser renovadas, pois isso garantiria sua permanência, mas em outros moldes, de maneira que atendesse às diferenças e às necessidades eminentes, com as mudanças do país e sociedade proveniente das transformações históricas; uma possível negociação. Bhabha corrobora com uma perspectiva a esse respeito:

Os termos do embate cultural, seja através de antagonismo ou afiliação, são produzidos performativamente. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lapide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica (BHABHA, 1998, p. 20-21).

Outra proposta recorrente na narrativa é evidenciar que, mesmo diante de novos modelos sociais, a herança da cultura africana precisa ser contada e apreciada, sendo os assuntos relacionados ao sobrenatural, ao místico, lembrados como elementos relevantes na narrativa. Observa-se em *Niketche* tais fundamentos quando Rami busca os elementos da sua tradição para tentar salvar o seu casamento:

Consultei adivinhos que me contaram histórias extraordinárias de feitiços de amor feitos por outras mulheres. Falaram-me de outros romances e outras tragédias. Não acreditei em nenhuma. As minhas vizinhas falam-me de mudjiwa, esposas e esposos de outro mundo, que, nas vidas anteriores ou na outra encarnação, foram nossos cônjuges e reclamam os seus direitos nesta vida (CHIZIANE, 2021, p. 27).

Apesar de sentir-se livre na sua escrita, Paulina Chiziane entende que a transformação histórica ainda não é tão assertiva no que se refere ao destino das mulheres, pois são elas as que mais sofrem com os costumes patriarcais. Em algumas etnias, por exemplo, as mulheres veem, desde muito cedo, seus destinos traçados pelos seus pais, situação que é apresentada no romance como uma tradição do sul. A narradora conta sua preparação para o matrimônio, com o início de seu enxoval quando ainda adolescente:

Comecei a fazer enxoval aos quinze anos – Explico - Bordar naperons. Fiz colchas e toalhas em croché. Toalhas bordadas, com ponto pé de flor, ponto pé de galo, ponto de cruz, ponto jugoslavo, ponto grillhão. Fiz curso de cozinha e tricô (CHIZIANE, 2021, p. 31).

Em relação a hibridez de discursos, a existência dos “entre-lugares” são diferenças que não acarretam disparidade. Quanto a essa representação social, Bhabha esclarece, a partir da visão de Fanon, que:

A análise da despersonalização colonial não somente aliena a ideia iluminista do “Homem”, mas contesta também a transparência da realidade social como imagem pré-dada do conhecimento humano. Se a ordem do historicismo ocidental é perturbada pelo estado colonial de emergência, mais profundamente perturbada é a representação social e psíquica do sujeito humano (BHABHA, 1998, p. 72).

Às discussões sobre hibridismo cultural e deslocamentos, comporta-se, também, a concepção de identidade do sociólogo e teórico cultural Stuart Hall, na obra *A Identidade Cultural da Pós-Modernidade* (2006), que aponta, justamente, o apagamento das barreiras culturais e identitárias no século XXI, causado pelo movimento e por trocas de informações na sociedade.

Para esse pesquisador, é interessante pensar na noção de identidade como algo fluído e fragmentado. Sob essa visão, caberia refletir de que maneira as personagens de *Niketche* poderiam se enquadrar. A princípio, considerar que a identidade das personagens são flexíveis e continuam sofrendo mudanças a partir dos encontros elaborados na narrativa, nos quais as cinco mulheres trocam vivências, compartilham os seus moldes de educação familiar, a ancestralidade, religiosa, diferenças de ritos, etc. Hall (2006) define:

Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2006, p. 9).

Assim, nessa perspectiva, sobre o sujeito pós-moderno não há uma identidade fixa; existe contínua transformação, motivo que se questiona rever a formação de identidade cultural nacional estática, tendo em vista que as nações, nesse caso, Moçambique, possuem culturas diferentes, que incluem outras variações: diferenças de classes sociais, grupos étnicos e, na obra analisada, bem evidente a diferença de gênero. Dessa forma, a cultura nacional não comportaria todos esses grupos; cada sujeito se colocaria diante de um contexto sociocultural com a identidade que acreditaria ser a mais conveniente:

[...] O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais [...] (HALL, 2006, p.12).

O debate se norteia no constante fluxo do indivíduo; é ser filho de um país, mas não estar ileso a outras influências culturais; é falar uma língua que não é uniforme; é conhecer uma

série de credos e confrontá-los; é estar se adaptando, se refazendo durante as trocas de costumes e conhecimentos; é perceber as diferenças e, optando (ou não) por elas, se localizar em transformação; é ser misto, indefinido, híbrido, mas, ainda assim, certo de sua origem. Rami cita discrepâncias religiosas: “[...] O meu pai é um cristão ferrenho, de resto a pressão do regime colonial foi muito mais forte no Sul do que no Norte” (CHIZIANE, 2021, p. 34).

Algumas disputas de costumes são latentes, o que, muitas vezes, conforme observado na trajetória da narradora Rami, causam conflitos: influências de cultura familiar, religiosa, ancestral fazem da personagem uma mulher de múltiplas raízes; Rami chega a definir-se como uma mulher que se rendeu ao cristianismo: “[...] na igreja, com os padres e as freiras. Acendi muitas velas e fiz muitas rezas” (CHIZIANE, 2021, p. 31). Rami, no lugar de esposa, fortalecido por um sistema idealizado pelo patriarcado, no qual a mulher, para ser feliz, precisa da presença de um homem permanentemente em sua vida: “[...] Sou do tempo moderno. Prefiro dar a minha vida e o meu sangue a quem deles precisa. Posso dar tudo, mas o meu homem não” (CHIZIANE, 2021, p. 36).

E, ainda, outras inversões; a narradora, apesar de ser do sul, contraria a sua criação e defende as práticas dos ritos de iniciação das mulheres do norte: “A igreja e sistemas gritaram heresias contra estas práticas, para destruir um saber que nem eles tinham” (CHIZIANE, 2021, p. 41-42). Outros fatores perceptíveis, como a educação da mulher, que nem sempre corresponde aos costumes culturais dos seu país: “Aprendi todas aquelas coisas das damas europeias, como cozinhar bolinhos de anjos, bordar, boas maneiras, tudo coisas da sala. Do quarto, nada!” (CHIZIANE, 2021, p. 41). Episódios da narrativa demonstram, na fala de Rami, também a exaltação da cultura nacional: “Lobolo no Sul, iniciação no Norte. Instituições fortes, incorruptíveis. Resistiram ao colonialismo. Ao Cristianismo e ao Islamismo. Resistiram à tirania revolucionária. Resistirão sempre porque são a essência do povo, a alma do povo” (CHIZIANE, 2021, p. 44). Em defesa aos valores culturais de Moçambique, a personagem se rebela: “É algum crime ter uma escola de amor? Diziam eles que essas escolas tinham hábitos retrógrados. E têm. Dizem que são conservadoras. E são. A igreja também é [...]” (CHIZIANE, 2021, p. 44). Enfim, Maria Rosa, no curso da narrativa, declara não se reconhecer mais, afasta-se do lugar de pertença: “Na terra do meu marido sou estrangeira. Na Terra dos meus pais sou passageira. Não sou de lugar nenhum. Não tenho registro, no mapa da vida não tenho nome” (CHIZIANE, 2021, p. 88).

Sobre a poligamia, se faz presente em algumas regiões de Moçambique, principalmente nas zonas rurais e nos centros urbanos. Mesmo que não seja abertamente, os homens possuem, às escondidas, uma amante, o que se diferencia da poligamia tradicional, quando era concedido

à primeira mulher o direito de escolha das demais esposas do marido; porém, por consequência da cultural ocidental, os homens passaram a escolher quantas mulheres quisessem, de acordo com seu gosto e vontade:

Todo o problema parte da fraqueza dos nossos antepassados. Deixaram os invasores implantar os seus modelos de pureza e santidades. Onde não havia a poligamia introduziram-na. Onde havia baniram-na. Baralharam tudo, os desgraçados! Os homens repetem sempre: sou homem, hei de casar com quantas quiser. E forçam as mulheres a aceitar este capricho. Tudo certo. Vendo bem, a quem cabe a culpa desta situação? Os homens é que defendem a Terra e a cultura. As mulheres apenas preservam. No passado os homens deixaram-se vencer pelos invasores que impuseram culturas, religiões sistemas a seu bel-prazer (CHIZIANE, 2021, p. 91).

Por adoção de costumes patriarcais que se constituíram influenciados por outros povos no passado, preservaram a prática poligâmica, fato que denota uma maneira de afirmação do homem que, possuindo uma condição socioeconômica estável, coloca-se superior em relação às mulheres, principalmente às mais pobres que, muitas vezes, são transformadas em concubinas dos mais ricos. Para as mulheres que não possuem recurso financeiro e perspectiva de sobrevivência por falta de oportunidades educacionais e de trabalho, apresenta-se como “proteção” e sustento manter-se sob o jugo de alguém que possa mantê-la. Rami explica traços desses elementos culturais:

As culturas são fronteiras invisíveis construindo a fortaleza do mundo. Em algumas regiões do Norte de Moçambique, o amor é feito de partilhas. Partilha-se mulher com amigo, com o visitante nobre, com o irmão de circuncisão [...] No sul, a situação é bem outra. Só se entrega a mulher ao irmão de sangue ou de circuncisão quando o homem é estéril (CHIZIANE, 2021, p. 36).

O panorama que a obra de Chiziane apresenta é que os homens estiveram, e muitos ainda estão, ausentes em guerrilhas, contendidas e embates diversos. Em áreas de confrontos regulares, o êxodo é um acontecimento que não pode ser descartado, visto as condições de vida que se tornam insustentáveis em algumas regiões. O lugar de nascimento, em alguns casos, torna-se afastado; a família, origem, conhecimento. Noa destaca essas manifestações de instabilidade na literatura moçambicana:

Direcionando o nosso olhar mais especificamente para o campo das literaturas africanas e sobretudo para aquilo que tem sido o percurso delas, ao longo de décadas, podemos verificar como elas claramente representam o conjunto de assunções, derivas, tensões, irresoluções e ambiguidades subsumidas no que se conhece das projeções identitárias [...] (NOA, 2019).

Em certa contraposição, as teorias sobre possíveis hibridismos dessas identidades, o pesquisador Pires Laranjeira apresenta uma outra perspectiva com relação aos fenômenos relacionados à globalização. O pesquisador opina que há “[...] ilusão da uniformização, da igualdade, da indistinção, sob a aparência de que cada um pode ser senhor do seu destino, acirrando a ideia da individualidade até à exaustão” (LARANJEIRA, 2017 p. 20). Laranjeira contrapõe-se, em relação à generalização de um olhar globalizado sob todos os povos e todas as pessoas do mundo terem a mesma vivência; sugere implicações:

surtem as teorias sobre a mutabilidade acelerada das identidades, sustentando que, no campo cultural, se vive como que um fluxo de experiências sem fronteiras nem barreiras, de migração de elementos, de hibridismo, mistura, miscigenação ou transculturação (LARANJEIRA, 2017, p. 20).

De maneira que a crítica de Laranjeira estaria pautada no ponto de vista de que as sociedades, apesar de apresentarem alterações temporais e espaciais, não poderiam constituir seres sem balizas culturais de referência, sendo compreensível que uma identidade possa ser mutável no mundo globalizado. Porém, as pessoas não mudariam tanto ao longo da vida e a todo o tempo, sendo, então, aceitável apenas que “no estado atual da evolução das sociedades pós-coloniais, parece-me irrefletido sobrevalorizar somente as componentes culturais e filosóficas de desancoragem do senso de sedentarismo” (LARANJEIRA, 2017, p. 22). A discordância de Laranjeira não seria pela questão de se aceitar o encontro de culturas; esse não seria o problema, mas a consagração de uma mistura de componentes em detrimento de diferenças e oposições existentes, “de que resultaria uma nova identidade rácica, cultural ou ideológica, ou todas juntas, de anulação das diferenças e de exaltação diluidora dos contrastes, oposições e contradições” (LARANJEIRA, 2017, p. 33). Desse modo, a sua crítica quanto às teorias da mistura de identidades seriam argumentadas pela identificação que os seres humanos preservam e que estão atrelados aos “territórios, paisagens, costumes, culturas, heranças, permanências, que lhes conferem um sentido de pertença, de ancoragem e de identidade com certo grau de estabilidade” (LARANJEIRA, 2017, p. 21).

Para tanto, o exame em *Niketche: uma história de poligamia* (2002), é ao encontro das controvérsias observadas no estudo sobre identidade cultural, porém, em análise comportamental das personagens do romance, as ideias não se repelem. Tendo em vista as leituras inesgotáveis relacionadas à cultura dessas mulheres, através dos vários arquétipos femininos a partir de Ramí e, se tratando da narrativa em estudo, torna-se perceptível que, mais

que respostas, a autora impulsiona, com sua escrita, discussões em torno de questões referentes à cultura nacional, que não deve ser rotulada por uma só perspectiva.

3 REPRESENTAÇÕES DO CORPO FEMININO EM *NIKETCHE*: CAMINHOS DE RAMI

O corpo é um elemento de irrestritas designações que permite representações em diferentes segmentos de estudos. Em *Nikette: uma história de poligamia*, o corpo feminino sofre profusas remodelações ao se reestruturar socialmente em diferentes espaços de atuação. Eleito o corpo de Rami para este exame, as leituras buscaram algumas perspectivas viáveis diante do seu papel social observado: o corpo-esposa: materno e servil; o corpo-vitimado: oprimido e subjugado; o corpo-erótico: sedutor, ardente e o corpo-acolhedor: solidário em reciprocidade, que “[...] veste as marcas do tempo, marcas da maturidade e da sabedoria” (CHIZIANE, 2021, p. 167).

O corpo feminino está em constante deslocamento social, fato que denota a sua transmutação que, de acordo com o estudioso José Carlos Rodrigues, no seu livro *Tabu do corpo* (2006), figura como um sistema simbólico:

Entretanto, mesmo assumindo para nós este caráter ‘natural’ e ‘universal’, a mais simples observação em torno de nós poderá demonstrar que o corpo humano como sistema biológico é afetado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe e por outros intervenientes sociais e culturais (RODRIGUES, 2006).

Nesse aspecto, de maneira mais literal, percebe-se o lugar que ocupa o corpo feminino no romance de Chiziane, em destaque, o corpo nu, que emana essas confluências culturais. Rami, na narrativa, divaga várias representações de uma nudez simbolizada: “Nudez. Nudez malvada, nudez sagrada. Nudez que mata, nudez que encantam [...] Nudez inspirando voos maravilhosos e catástrofes apocalípticas [...] Nudez de mulher é benção, maldição, proteção” (CHIZIANE, 2021, p. 128). O corpo feminino, mesmo sofrido, integra-se à ancestralidade e dela regenera-se em força e energia vital, para continuar a existir e fazer-se presente na filosofia de viver do africano. Lopes e Simas explicam como se relaciona o corpo com outros elementos nesse continente:

Estruturado, então, por esses elementos constitutivos – corpo, espírito e nome –, o ser humano, segundo os saberes da herança africana, está inserido em um contexto de relações cósmicas, ligado por laços indissolúveis a todo o Universo (LOPES; SIMAS, 2020).

Existir na comunidade africana é se comprometer ao estado de pertença, no universo coletivo dos rituais, da dança, do mito, da lenda, dos provérbios, dos artefatos no contexto familiar, de linhagem e de todas as evidências culturais. Salientam Lopes e Simas (2020): “Ninguém dança sozinho, mas com a comunidade ou na presença dela; e nenhuma reflexão ou decisão nasce ou se faz, senão em conjunto”. Para esses autores, aliada a toda essa permanência ancestral, estaria em posição elevada a oralidade, “que é, ao mesmo tempo, religião, conhecimento, ciência natural, aprendizado de ofício, história, divertimento e recreação” (LOPES; SIMAS, 2020). De maneira que, em conformidade com algumas concepções da tradição africana, o ser humano estaria “acompanhado de uma sombra, que é sua irradiação para o exterior e que também se desvanece com a morte. Além do corpo físico, a pessoa possui uma essência espiritual e invisível que sobrevive à morte e que se faz acompanhar de um duplo” (LOPES; SIMAS, 2020).

No Prefácio, assinado por Kazadi wa Mukuna, em *Memórias ancoradas em corpos negros* (2014), de Maria Antonieta Antonacci, o pesquisador relata sobre a importância dos valores e práticas culturais na África; como exemplo, aponta o papel e função da música em todos os aspectos da vida desse povo, que a compreende como ferramenta de suma importância, inclusive para instrução dos mais jovens para inserção como membros efetivos de suas comunidades. Cita:

Música e dança funcionam como um meio de comunicação e documentação e servem como ferramentas essenciais para a tradição oral. A linguagem de um grupo étnico também exerce um papel vital nessa mídia, que está contida no conceito da filosofia da existência, com significado e representação na expressão “*I belong, therefore I am*” (Pertença, logo sou) (MUKUNA, 2014).

Sobre esse processo de reconhecimento, Antonacci (2014) discute as pautas evidenciadas “na articulação de diferenças culturais”, os “entre-lugares”, que já haviam sido sugeridos por Bhabha, que assumem as configurações históricas e que garantem sentidos e significados diante de adaptações culturais. Para a pesquisadora, as fronteiras culturais não devem extinguir o alicerce cultural que compõe a base de formação de um grupo comunitário, a exemplo das línguas, que são uma marca de identificação com a origem histórica e familiar, logo, um corpo com uma linguagem particular.

Em respeito a esse corpo e sua origem africana, Paulina Chiziane apresenta com deferência os elementos que se acomodam à história do povo; as transformações históricas e de comportamentos que não ferem os traços identitários de Moçambique, que busca manter, em sua escrita, preservados.

3.1 Corpo e violência de gênero: vida e ficcionalidade

A violência contra o gênero feminino é um elemento presente no romance *Niketche*, questão que é abordada neste estudo e que permite um exame que identifique similaridades entre o cotidiano concebido por Paulina Chiziane nessa prosa ficcional e os traços de violência de gênero conceituados na contemporaneidade. Em momentos de inconformismo, Rami declara: “Porque levei muita sova nesta vida. Porque um lar de harmonia se constrói sem violência. Porque quem bate na sua mulher destrói o seu próprio amor” (CHIZIANE, 2021, p.37). Nota-se que a personagem demonstra sua fragilidade diante do relato de violência doméstica e encontra-se desejosa de paz e afeto.

São sentimentos recorrentes no início do romance, que se estendem, também, a outras mulheres que moram ao redor de Rami e que, durante uma troca de confidências, revelam as suas decepções em relação ao casamento, compartilhando queixas de maridos indiferentes e ausentes na relação matrimonial: “Não és a única, Rami. O meu marido, por exemplo — diz uma vizinha —, largou-me faz anos e correu atrás de uma menininha de catorze anos, para começar tudo de novo. Um velho que se tornou criança” (CHIZIANE, 2021, p. 12).

Se para Rami o casamento com um homem importante lhe daria *status* de mulher digna, para as demais, a urgência de um protetor e provedor teria prevalecido quando escolheram ceder às investidas do homem:

Os homens mentem, mas ah, como eles mentem! Dizem que não somos nada? Que não servimos? Tretas! Mais milagrosas que nós não existe em todo o corpo humano. Por isso nos odeiam, nos temem, nos mutilam, nos violam, nos torturam, nos procuram, nos magoam. Mas é por nós que eles suspiram a vida inteira (CHIZIANE, 2021, p. 163).

Para melhor entendimento sobre a colocação de gênero, é imprescindível entender um pouco da acepção do termo. Saffioti (2015), em seus estudos, explica:

Cada feminista enfatiza determinado aspecto do gênero, havendo um campo, ainda que limitado, de consenso: o gênero é a construção social do masculino e do feminino. O conceito de gênero não explicita, necessariamente, desigualdades entre homens e mulheres. Muitas vezes, a hierarquia é apenas presumida (SAFFIOTI, 2015, p. 47).

Com a contemporaneidade, acreditou-se, em dado momento, que essas desigualdades seriam minadas, em razão da luta dos grupos feministas, porém, as marcas estigmatizadas

atribuídas ao gênero feminino deram sinais que não seriam desfeitas, sendo necessário continuar os debates sobre essas questões, uma hierarquia sedimentada nas relações de poder.

Quanto às intervenções nos espaços domésticos, as violências sofridas por mulheres vítimas de seus maridos, por muito tempo, foram vistas como um problema particular e familiar do casal, não havendo resistência das vítimas e, muito menos, ação dos observadores, no intuito de conterem as ocorrências violentas domésticas, fato que ainda é reproduzido, mesmo hoje havendo um número maior de denúncias.

Com o surgimento de ações no sentido de erradicar e punir agressores, pensou-se que a mulher estaria mais protegida, porém, os números expressivos de feminicídios divulgados diariamente pelos meios de comunicação, a saber, também os casos que nem chegam a ser divulgados, evidencia-se um quantitativo alarmante de práticas violentas contra o gênero feminino, a toda hora contabilizados.

A favor da conscientização desses atos violentos contra o corpo feminino, as escritoras mulheres tornaram-se relevantes e, se tratando da escrita feminina negra, a representatividade fala por si só, visto que muitas foram vitimadas ou assistiram o sofrimento de outras, movimento que Chiziane participa ao conceder voz àquelas que foram silenciadas. De acordo com a professora e pesquisadora Iris Amâncio, o corpo feminino negro precisa dessa visibilidade:

A perspectiva interseccional, de fato, muito colabora com a percepção crítica literária contemporânea e permite que o corpo da mulher negra que escreve seja representado e visibilizado como o corpo coletivo de identidades, epistemologias, gestos e vozes negras em diferença, historicamente negados e subalternizados (AMÂNCIO, 2018).

O percurso narrativo conduzido pela personagem Rami exhibe, logo no primeiro capítulo, um cenário de dor e abandono. Nessa configuração social, a esposa demonstra a necessidade da presença masculina para sentir-se respeitada. A mulher não é valorizada por suas palavras e ações; o marido a representa, ele que determina a tomada de decisões familiar: “Um marido em casa é segurança, é proteção” (CHIZIANE, 2021, p. 11). Ao se deparar com a falta constante do marido, a mulher se culpa, a supor que não atendeu todas as expectativas sociais atribuídas ao seu papel de esposa, o que garantiria a satisfação do marido. Vivenciando o medo de perdê-lo, dedica-se, cada vez mais, ao bem-estar e felicidade desse homem, cumprindo todas as suas vontades. Rami reflete:

como é que o Tony me despreza assim, se não tenho nada de errado em mim? Obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até as

suas loucuras suportei. Vinte anos de casamento é um recorde nos tempos que correm (CHIZIANE, 2021, p. 11).

Em contrapartida, quando nota que Rami não se encontra tão disponível, seu marido, Tony, tenta reduzi-la a uma mulher insignificante, por desaprovar o seu novo comportamento, fato que se torna aparente quando sugere o divórcio, uma separação imposta com o intuito de puni-la, retirando os supostos privilégios que essa possui, na condição de esposa legal:

— Quero assegurar-te de uma coisa: não é por falta de amor. É punição. Pura vingança. Quero colocar-te ao nível das outras mulheres. A tua conduta dos últimos tempos não é digna de uma esposa. Já que estás registrada nos meus documentos, julgas que és alguma rainha (CHIZIANE, 2021, p. 142).

Nesse viés, as questões sobre a opressão feminina disparam diferentes perspectivas acerca da obra citada. Há de se pensar nesses aprisionamentos culturais que podem tornar-se violentos se erroneamente manipulados e conduzidos apenas para o deleite do homem: “Devem servir o vosso marido de joelhos, como a lei manda. Nunca servi-lo na panela, mas sempre em pratos. Ele não pode tocar na loiça nem entrar na cozinha” (CHIZIANE, 2021, p. 109). Em *Niketche*, as personagens reproduzem costumes que são culturais. Contudo, a autora procura problematizar esses estereótipos femininos ultrapassados e que trazem prejuízo a vida de cada uma dessas mulheres. Na obra, a escritora não impõe discriminação ao que é fruto de uma tradição cultural, ela vai além, e focaliza no bem viver da mulher, que não pode estar condicionado à herança dos costumes patriarcais que, em alguns moldes antigos, contribuem apenas para que a violência de gênero seja permitida.

Dessa forma, valorizando a oralidade, Chiziane transpõe na ficção traços de relatos, testemunhos que não são fatos incomuns nas sociedades contemporâneas. Mulheres da narrativa compartilham suas experiências traumáticas, que incluem violências psicológicas e físicas, com incidência de estupro:

fui violada aos dez anos pelo meu verdadeiro pai. Ganhei infecções e perdi o útero. Não tenho filhos, não posso ter. Eu casei-me, diz outra. Fui feliz e tive três filhos. Um dia, o meu marido saiu do país à busca de trabalho e não voltou mais. Eu levava muita pancada, diz a outra. Ele trancava-me no quarto com os meus filhos e dormia com outras no quarto do lado. Fui violada por cinco, durante a guerra civil, diz a outra. Este filho bonito que tenho nas costas nem sei de quem é. Cada vez que olho para esta pobre criatura, recordo-me daquele momento horrível em que pensava que ia morrer. A minha mãe morreu nos meus braços, diz outra. Foi espancada de uma forma brutal pelo meu pai e morreu a caminho do hospital (CHIZIANE, 2021, p. 104).

A socióloga Maria Cecília de Souza Minayo, em *Conceitos, teorias e tipologias de violências* (2009), esclarece aspectos da violência de gênero que não se aplica apenas a atos praticados contra as mulheres, mas que são elas as vítimas mais comuns:

a violência de gênero que vitima sobretudo as mulheres é uma questão de saúde pública e uma violação explícita aos direitos humanos[...] que inclui várias formas de opressão, de dominação e de crueldade, incluem assassinatos, estupros, abusos físicos, sexuais e emocionais, prostituição forçada, mutilação genital, violência racial e outras (MINAYO, 2009. p. 36).

Minayo exemplifica que tais atos podem ser incorridos por diferentes agentes. Em paráfrase, desde o próprio Estado, estranhos, conhecidos até os praticados por parceiros e familiares. Isso explica as características da violência mencionada pela pesquisadora: “Ela consiste no uso da força, do poder e de privilégios para dominar, submeter e provocar danos a outros: indivíduos, grupos e coletividades” (MINAYO, 2009. p. 23).

Nessa dinâmica de dominação e submissão, que termina instaurando significações hierarquizadas num contexto da categoria de gênero, a mulher seria definida não em si mesma, mas a partir da posição do homem na sociedade, como já havia sinalizado Beauvoir.

No livro *Sobre Feminismos*, as escritoras Andréa Pachá e Vilma Piedade citam a contribuição dos textos de autoria feminina africanos para a redefinição da condição da mulher nessas sociedades, mesmo que sem um projeto feminista declarado. A escrita colaboraria nas ações de defesa da mulher, incentivando discussões e debates referentes a essas pautas:

O Mulherismo Africano também contribui para o diálogo, a construção e a afirmação da Ancestralidade, mas não se coloca como Feminismo. Não gostaria muito de separá-lo, porque, como assinali em *Dororidade*, a dor do Machismo une todas as Mulheres; a Preta, a Branca, a Trans, todas (PACHÁ; PIEDADE, 2021).

Nas reflexões das pesquisadoras sobre o panorama atual da violência contra a mulher, a saber, os feminicídios, que se tornaram banais, e que não teria apenas relação com a não aceitação do homem com o fim do casamento. Esclarecem que, atualmente, teriam se ampliado essas ações criminosas também contra meninas jovens ainda em relacionamento de namoro, desencadeadas pelo utilitarismo da sociedade e pela objetificação da mulher. Pachá, em diálogo com Piedade, menciona: “Até em um namoro os homens partem para a violência fatal. Quantas meninas jovens têm sido vítimas de feminicídio? Muitas!” (PACHÁ; PIEDADE, 2021).

As autoras mostram-se estarecidas quando se deparam com uma assustadora realidade em pleno século XXI, período em que a sociedade se denomina instruída, com o vasto acesso

à informação, mas que, inevitavelmente, ainda surgem, através dos noticiários, justificativas atrozes para homens cometerem atos violentos contra as mulheres.

Ao refletir sobre o período pandêmico, Vilma Piedade, em análise com Andréa Pachá, salienta a situação de algumas mulheres que permaneceram confinadas em casa com seus parceiros, alguns agressivos e nada respeitosos: “Como já disse aqui, a COVID-19 escancarou as desigualdades que já existiam, e nós sabemos que a população preta é mais vulnerável do ponto de vista social...” (PACHÁ; PIEDADE, 2021).

Nesse cenário, percebe-se a existência de uma violência de implicações culturais que foi se estabelecendo e solidificou-se dentro das sociedades, seja no ambiente rural ou urbano. Em *Niketche*, Rami menciona que, dentre os ensinamentos recebidos das ancestrais, a resignação feminina é algo transmitido com naturalidade: “Transmito às mulheres a cultura da resignação e do silêncio, tal como aprendi da minha mãe. E a minha mãe aprendeu da sua mãe. Foi sempre assim, desde tempos sem memória” (CHIZIANE, 2021, p. 221).

A violência conceituada como cultural permeia todas as manifestações que preexistem no curso da história de um território social, de maneira que foram se tornando ações julgadas naturais, sendo cometidas por indivíduos que consideram normais tais práticas.

Uma violência que atinge, massivamente, o gênero feminino, mas também alcança atos que se fundamentam nas diferenças das relações. Minayo explica: “[...] por idade (dos adultos contra as crianças e contra os idosos), e das diferentes formas de discriminação de “raças” (dos brancos contra os negros, de outros grupos contra os judeus e atualmente contra os árabes)” (MINAYO, 2009. p. 23). Fazer acepção de classes e outros segmentos sociais definiria essas modalidades como as que configuram a chamada violência cultural. Em *Niketche*, a personagem Rami ressalta:

Poligamia é ser mulher e sofrer até reproduzir o ciclo da violência. Envelhecer e ser sogra, maltratar as noras, esconder na casa materna as amantes e os filhos bastardos dos filhos polígamos, para vingar-se de todos os maus-tratos que sofreu com a sua própria sogra (CHIZIANE, 2021, p. 81).

Essas manifestações que, segundo a autora, são observadas, mais comumente, em grupos vulneráveis, praticadas contra “crianças e adolescentes, idosos, mulheres nas relações de gênero, homossexuais, deficientes físicos e mentais, moradores de favelas, dentre outros” (MINAYO, 2009. p. 36). Evidencia, assim, que a sociedade tem dificuldade em aceitar as diferenças que não atendem aos padrões rotulados, o que contribui para a afirmação de estudiosos, filósofos e psicanalíticos ao considerarem que a violência está dentro de cada

indivíduo e que a não-violência, esta, sim, seria uma construção social e pessoal que poderia ser utilizada para prevenção de tais comportamentos. Seria, segundo Minayo (2009, p. 24), “a capacidade que a sociedade tem de incluir, ampliar e universalizar os direitos e os deveres de cidadania”.

Nesse viés, Paulina Chiziane traz à tona uma transformação histórica que ainda não é tão assertiva; no que se refere ao destino das mulheres, a poligamia ainda é uma experiência desigual. Rami indaga: “Perguntei às mulheres: o que acham da poligamia? Elas reagiram como gasolina na presença de um pavio aceso. Explosão, chamas, lágrimas, feridas, cicatrizes [...]” (CHIZIANE, 2021, p. 90). Diferente dos homens, que interpretam a poligamia como afirmação da própria masculinidade. Rami investiga: “[...] pergunto aos homens: o que acham da poligamia? Escuto risos cadenciados como o gorgear das fontes. Vejo sorrisos que esticam os lábios de orelha a orelha [...]” (CHIZIANE, 2021, p. 100).

A lógica da dominação masculina, sob a visão de Bourdieu, em que o dominante e o dominado, regidos pelo mesmo princípio simbólico, conhecido e reconhecido, estabelecem-se nas relações que determinam o jogo das relações e os contrastes nos papéis, que incluiria, dentre os vários aspectos, a maneira de pensar, de falar ou de agir de cada indivíduo. Sobre diferença de gênero, o filósofo discorre: “Constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes” (BOURDIEU, 2012, p. 18). Esse princípio seria a base para a relação que, segundo o autor, constituiria uma visão arbitrária das diferenças biológicas, que sustentaria a dominação dos homens sobre as mulheres. A própria diferença de anatomia do sexo poderia ser vista como elemento naturalizado e que teria desencadeado na divisão do trabalho, na realidade da ordem social:

O corpo e seus movimentos, matrizes de universais que estão submetidos a um trabalho de construção social, não são nem completamente determinados em sua significação, sobretudo sexual, nem totalmente indeterminados, de modo que o simbolismo que lhes é atribuído é, ao mesmo tempo, convencional e “motivado”, e assim percebido como quase natural (BOURDIEU, 2012, p. 20).

Portanto, o princípio de visão social seria o responsável, inclusive, pela construção do que se tornou a diferença anatômica dos gêneros e, a partir daí, a diferença socialmente constituída.

Para Carlos Magno Santos Gomes, no seu texto “Um olhar histórico para o corpo”, que figura no livro *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* (2021), de Elódia Xavier, explica o mapeamento da violência em obras literárias realizado pela autora. Desse, percebe-se não ser incomum a representação de diversos elementos referentes a atos violentos contra a

mulher na literatura, sendo recorrente em várias obras que evidenciam: assédios psicológicos, controle do corpo da mulher, dentre outros assuntos passíveis de reflexões, o que torna relevante a participação da pesquisa e escrita feminina nesse âmbito. Gomes (2021) opina:

Xavier privilegia o lugar de fala da escritora no processo de desconstrução dos papéis tradicionais, a fim de possibilitar deslocamentos corporais que reinterpretam o estado de opressão vivido por personagens femininas (GOMES, 2021).

O pesquisador relaciona as pesquisas de Xavier às conceitualizações de Michel Foucault, evidenciando as imposições definidas pelo patriarcalismo, que colocaram os corpos femininos a ocupar uma metodologia de submissão, quando inseridas nos relacionamentos, em moldes dos casamentos tradicionais, em que o corpo da mulher é usado no exercício de poder masculino.

A própria pesquisadora, Elódia Xavier, em mesma perspectiva, amplia suas considerações pautada nos aspectos sociais e psíquicos do corpo, introduzidos por Arthur Frank. Para a estudiosa: “Parece-nos importante, a esta altura, considerar os corpos mais em sua concretude histórica do que na sua concretude simplesmente biológica, evitando, a todo custo, o essencialismo ou categorias universais” (XAVIER, 2021). De maneira que, aliando o conceito de “corpo disciplinado”, de Arthur Frank, numa vertente mais sociológica, ao dos “corpos dóceis”, de Michel Foucault, abre-se ao complemento conceitual, novamente, a teoria de Pierre Bourdieu, que melhor define as relações entre dominados e dominantes que orientam, até hoje, os conflitos das relações de gênero. Segundo Xavier (2021), “diz Bourdieu: ‘Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais’”.

Adentrando ao universo da violência na literatura, é pertinente integrar os estudos de Jaime Ginzburg que, apesar de ter alicerçado suas teorias a partir de estudos no contexto da literatura brasileira, trouxe importantes contribuições sobre fatores imprescindíveis para a compreensão da representação da violência em textos literários. Em primeiro plano, destacar-se-ia o testemunho nas narrativas, sobretudo em contextos políticos e sociais em que a violência histórica se tornou preponderante. Declara: “Estudar o testemunho significa assumir que aos excluídos cabe falar, além disso, definir seus próprios modos de fazê-lo” (GINZBURG, 2010, p. 30-31).

Para Ginzburg o testemunho introduzido no texto vai além da representação artificial ou mesmo direta do acontecido; cabe ao escritor reinventar a linguagem, de maneira que consiga

confrontar o vivido e administrar na sua escrita a condição de situações extremas de limite. O pesquisador, fundamentado nas teorias de Adorno, esclarece:

Não se trata de admitir a violência e discutir sua legitimidade, mas de examinar criticamente as referências à história social violenta, estabelecendo mediações de modo a pensar a contribuição de escritores para o debate e a transformação do processo histórico (ADORNO: 1988 *apud* GINZBURG, 2010, p. 74).

Essa visão adorniana conduziria ao afastamento do que se refere a uma dimensão do coletivo, que reflete os preceitos tradicionais. Dessa forma, a concentração do romance incidiria sob a experiência individual do sujeito dentro do mundo que o circunda e da historicidade que o rodeia, tornando temas como a violência intrínseca na obra. Ginzburg afirma que os estudos que prosseguem investigando os impactos traumáticos que atinge uma sociedade que vivenciou situações de agressões e outros tipos de crueldade permanentemente presentes, por mais que se transcorra o tempo, averiguam que os reflexos das ações perduram, e de encontro a pensamentos conservadores às práticas atrozizadas naturalizadas, tornam-se herança colhidas como práticas triviais em alguns contextos.

Exemplifica que o fato de ter ocorrido a abolição, em termos institucionais, não impediu que, no campo das práticas cotidianas, essa trivialização tenha deixado fortes heranças, e que os argumentos em seu favor encontrem reforço no pensamento conservador e preconceituoso.

Ao encontro desses apontamentos de Jaime Ginzburg, pode-se inferir que o próprio racismo se fortaleceu das histórias replicadas pelos colonizadores, seus descendentes e assim uma escrita que permitiu uma única ótica e posicionamento, sendo, portanto, de responsabilidade de escritores dispostos a romper esse ciclo de permanência apresentarem novas narrativas a partir daqueles que sofreram no curso da história.

Ainda para o pesquisador, encontram-se, na literatura, personagens em que as palavras não são tão perceptíveis, não conseguem expressar o que precisam, uma certa descontinuidade entre pensamento e linguagem no universo dos textos violentos, porém, “em pontos tensos podem surgir silêncios, omissões, indeterminações. O sujeito não pode falar tudo, nem ser entendido sempre, no entanto deve achar condições para expressar suas demandas” (GINZBURG, 2010, p. 108). Assim, cabe ao escritor construir um texto que, por mais difícil que sejam os elementos utilizados, deve comunicar.

Uma linguagem que se distancie da cultura do dominador, uma representação que ressoe ecos das ruínas sem caricaturá-las e sem transformar ficcionalmente a violência como episódios banais ou, até mesmo, maquiá-la, para que se torne mais atraente e convincente para o leitor.

Paulina Chiziane consegue esse alcance; abre relatos e testemunhos a personagens incógnitas. Na história, surgem vozes, mulheres que se apresentam com urgência de contarem as violências sofridas. Às vezes não parte de personagens nominadas, apenas mulheres com as suas dores e necessidades. A autora descreve com clareza as circunstâncias, sem suprimir os detalhes importantes; são realidades vistas e vividas e que precisam ser compartilhadas.

O relato da personagem Luiza (Lu) denuncia a questão da violência estrutural que assola o país, sendo os fatos ainda mais comuns nas áreas rurais, ou seja, as mais pobres:

Em pequena fui violada por soldados na mata. Não concebi, graças a Deus. Uns anos depois, a minha mãe entregou-me como esposa a um velho da zona, em troca de uma manta de algodão para cobrir os meus irmãos; na altura havia muito frio. O velho era bom, era para mim o pai que nunca tive. Mas as suas esposas velhas me maltratavam, e punham sobre os meus ombros todo o trabalho pesado: buscar água no rio, para uma família de dezessete pessoas, pilar o milho, procurar lenha nas savanas, produzir carvão. Fugi do velho, andei pelas matas, comi frutos do campo e fui dar à cidade da Beira. Vendi sexo nas esquinas aos catorze anos. Esbarrei com maus-tratos da sociedade, dos clientes, dos polícias que me meteram na cadeia vezes sem conta. Vim até à capital na boleia de um camião. Encontrei o Tony numa esquina da cidade. Fizemos um filho e outro filho. Ah, Rami, sou uma planta silvestre educada pelo vento e pelas quatro estações (CHIZIANE, 2021, p. 222-223).

De acordo Nzira Deus, diretora executiva do Fórum Mulher, feminista, militante e ativista pelos direitos das mulheres e das pessoas LGBT na África, ao site “Capire”, em 2021, a violência contra a mulher ainda acontece a olhos vistos; práticas tradicionais, como orações transferidas de uma geração a outra, são consideradas, até hoje, como ato de feitiçaria e sendo esse conhecimento a força dessas mulheres, incomoda a muitos grupos, que desejam exercer o domínio. Cita:

os detentores de capital e poder machista sabem disso e se sentem ameaçados por esse poder, que é invisível, mas muito forte. Para a vida das mulheres, especificamente, o risco é muito alto. São assassinadas, violadas e raptadas. As mulheres, com seus conhecimentos, tradições, rezas e poderes, são vistas como uma ameaça dentro dos territórios que estão sendo usurpados (DEUS, 2021).

Segundo Deus, as ações que vitimam as mulheres são muitas e não há um comprometimento das autoridades para mudarem esse panorama, não há uma política ativa que vise identificar responsáveis e, ainda, nas zonas de conflitos que existem no país, o corpo da mulher sofre todos os tipos de agressões:

O corpo das mulheres sofre muito durante o conflito, pois é sistematicamente usado, maltratado e violentado de várias formas. São mulheres mães, esposas, irmãs e filhas que, de tanta dor e humilhação, perdem até forças para lutar e resistir contra o inimigo (DEUS, 2021).

Diante desse contexto, quando Paulina Chiziane exhibe um quadro de conflitos e violências contra a mulher, ela define sua posição política de resistência, de denúncia, longe de um lugar de acomodação. A sua escrita em *Niketche*, realizada há cerca de 20 anos, já militava em favor dessas mesmas mulheres descritas por Deus na configuração social do país na atualidade.

3.2 Corpo e sexualidade pela ótica da transgressão

A reconstrução da vida de Rami só encontra o seu ponto de partida com a inter-relação de seu corpo com os elementos à sua volta, a começar pela sua inicial experiência de autoconhecimento diante da própria imagem refletida no espelho em vários momentos, que lhe orienta na tomada de novas decisões.

O espelho é um suporte para os seus pensamentos, é o lugar em que se despe das inibições e se desconhece/reconhece, compara-se e, aos poucos, projeta-se rumo à libertação de frustrações e medos que a dominam. Essa representação de sua imagem sofre mudanças com o avanço da narrativa e surgem diversos indícios de seu progresso, o que oportuniza comparações.

A exemplo, verifica-se que as suas impressões iniciais diante da aparência de visível abatimento desencadeia outro significado no desenvolvimento do romance. No início do texto, constata: “Vou ao espelho tentar descobrir o que há de errado em mim. Vejo olheiras negras no meu rosto, meu Deus, grandes olheiras! Tendo andado a chorar muito por estes dias [...]” (CHIZIANE, 2021, p.14). Em contraste, outro tipo de choro se apresenta, próximo ao final da narrativa; mesmo ainda sofrendo com sua condição, Rami descobre estratégias para manter-se firme e obter controle emocional: “Encostei o meu rosto no espelho e chorei perdidamente. Ganhei controle de mim mesmo e olhei de novo [...]” (CHIZIANE, 2021, p. 214).

Esse choro corresponde a um momento decisivo para a história da personagem, que, após um longo caminho de descobertas, reaprendizado e superação, enfim percebe-se forte e decidida para enfrentar os impropérios do marido, o que só se torna possível quando se dispõe a um processo de amadurecimento pessoal.

A pesquisadora Rosália Estelita Gregório Diogo, em seu artigo intitulado “Paulina Chiziane: as diversas possibilidades de falar sobre o feminino”, narra sua entrevista com a escritora, na qual a autora revela sua observação sobre as diferenças entre a escrita realizada por homens e mulheres. Chiziane respondeu à entrevista que “colocar as mulheres para falarem

sobre sexo, foi uma maneira de dizer que existem outras possibilidades de falar sobre o feminino que são diferentes daquelas formas padronizadas” (DIOGO, 2010, p. 175).

Para a autora, o homem, ao escrever, relacionaria o sexo à mulher, no sentido de ter consumido, devorado alguma coisa como expressão do seu prazer. Em contraste com a escrita feminina, que fala de sexo com sentimento e foi nesse viés que encontrou um impulso de provocar. Chiziane acrescenta: “Mostrando que o feminino também tem vez, não sei se fui feliz, mas vou confessar uma coisa em relação a esse livro: tenho comigo algo que chamo de livro do autor. Escrevi o livro de uma forma bem pessoal, escrevi a minha versão” (DIOGO, 2010, p. 175). Desse fato, a autora lembra que chegou a julgar ser necessário uma revisão antes de chegar ao leitor uma espécie de versão final de *Niketché*, mas que o editor, após avaliar, considerou que a maneira informal percebida no texto era também parte da criação do livro, sendo dessa maneira publicado. Em trecho do romance, há uma reflexão acerca do que contaria o órgão sexual feminino, ao longo de sua existência, em diferentes sociedades:

[...] E a linguagem da...? Se a... pudesse falar que mensagem nos diria? De certeza ela cantaria belos poemas de dor e de saudade. Cantaria cantigas de amor e de abandono. Da violência. De violação. Da castração. Da manipulação. Ela nos diria por que chora lágrimas de sangue em cada ciclo. Dir-nos-ia a história da primeira vez. No leito nupcial. Na mata. Em baixo dos cajueiros. No banco de trás do carro. No gabinete do Senhor Diretor. À beira-mar. Nos lugares mais incríveis do planeta. Ah, se as... pudessem falar! Contar-nos-iam histórias extraordinárias do licão, o canivete da castidade. O que nos contariam as... medievais que conheceram o cinto da castidade? O que nos dirão as excisadas? O que nos dizem as que celebram as orgias xi-maconde, xi-sena, xi-nyanja? As... que desafiaram o licão estão em silêncio, morreram com os seus segredos. As... xi-ronga e xi-changana contam histórias de espantar, dos bacanais do canho, afrodisíaco divino, nas festas da fertilidade (CHIZIANE, 2021, p. 161).

Esse trecho do romance novamente dita um posicionamento da autora, que não se prendeu a uma dinâmica de apenas expor questões tabus sobre a sexualidade das mulheres. A estratégia de denúncia e exposição de realidades ainda veladas sobre o “sexo” feminino garante que a vivência da mulher seja alcançada. Mesmo sua causa não sendo declaradamente feminista, com certeza, é sobre intimidade feminina e ações a esse respeito, que não são comentadas e que a autora deseja evidenciar, tendo em vista que ainda não existam direitos das mulheres de exporem tais fatos.

Djamila Ribeiro, apoiada nas ideias de Lélia Gonzalez, critica o feminino apenas atrelado ao sistema hegemônico; intelectuais e ativistas reproduziam apenas o feminismo europeu, aparentando a inexistência de mulheres negras e indígenas nesse cenário: “A feminista negra reconhecia a importância do feminismo como teoria e prática no combate às desigualdades, no enfrentamento ao capitalismo patriarcal e na busca por novas formas de ser

mulher” (RIBEIRO, 2019). São essas novas formas de “ser mulher” que Paulina Chiziane não hesita em apresentar, sempre levando em consideração a significação desses corpos femininos nos seus espaços culturais.

Em consonância com a colocação de Ribeiro, os corpos que Chiziane revela como corpos femininos, por vezes agredidos e oprimidos, são mencionados longe de uma visão ocidental, pois os corpos africanos, assim como os indígenas estabelecem uma relação natural e permanente com o viver, com a sua linguagem corporal que, ao encontro do exercício da oralidade, constituem um bem cultural de proporções sagradas.

É com esse cuidado, tentando isentar-se de julgamentos e opiniões radicais acerca do que examina sobre o feminino, que a autora narra apenas os fatos, deixando a cargo do leitor um exame mais minucioso e avaliações do que seria certo e/ou errado nos comportamentos das personagens. A sua escrita comunica: “Nesta sociedade a mulher só pode falar de amor e sexo com outras mulheres e em segredo. Falar em voz alta é tabu, é imoral, é feio. No meu livro falo da vida, do amor e sexo” (CHIZIANE, 2013, p. 203).

Um assunto ainda considerado tabu, o sexo tornou-se tópico para a realização de uma leitura que examinasse a notável transgressão da personagem Rami, narradora do romance, que através de suas experiências com o corpo e com a própria sexualidade, conseguiu romper com os paradigmas atribuídos à mulher moçambicana. Chiziane complementa sobre os desafios enfrentados para escrever sobre mulheres, sobretudo, sendo uma mulher: “Ainda hoje, a sociedade moderna considera os artistas como seus membros marginais. Ser mulher e ser artista torna-se um verdadeiro escândalo. Escândalo que tive que arriscar e suportar” (CHIZIANE, 2013, p. 203).

Essa declaração de Chiziane não se distancia totalmente dos revezes vivenciados por escritoras de outras nacionalidades. No Brasil, os estudos da professora Eurídice Figueiredo apontam que é recente a abordagem de temas considerados tabu em obras de autoria feminina que, só tornou-se mais visível com o despontar de escritoras jovens no cenário literário, fato este, que acarretou na necessidade de análise de questões relacionadas ao corpo e à sexualidade da mulher, pois “quando se estuda a ficção de autoria feminina a questão do corpo é fulcral para compreender como as mulheres conceptualizam sua situação na sociedade [...]” (FIGUEIREDO, 2019, p. 138).

Além disso, a pesquisadora, ao ratificar o pensamento de Elaine Showalter, considera ser indispensável reinventar a linguagem em condições de se falar fora da estrutura falocêntrica; as mulheres atribuírem suas visões e ponto de vista no tocante às questões sexuais, e que possam

fazer isso longe da linguagem reprimida que, por muito tempo, as assombrou, pois existia o domínio da representação feminina apenas em textos de escritores homens.

Sobre a mulher ser representada em textos literários de autoria masculina, Figueiredo acrescenta o ponto de vista da escritora britânica Virginia Woolf, que “considera que as personagens femininas criadas pelos homens são vistas unicamente do ponto de vista de sua relação amorosa com eles, nada mais parece interessar aos autores” (FIGUEIREDO, 2019, p. 138).

Nesse mesmo viés, a escritora paulista Aline Bei posiciona-se na apresentação do livro *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, em nova edição de 2022, pela editora Antofágica. Bei fomenta reflexões acerca de dúvidas pertinentes ao nosso século, referente à autoria feminina, e que dialoga perfeitamente com as inquietações de Woolf no final dos anos 20. Aline Bei introduz ao leitor alguns questionamentos: “Quantos livros escritos por mulheres você leu nos últimos tempos? Desses livros, quantas autoras são pretas? Quantas são indígenas? Quantas são lésbicas? Quantas são trans?” (BEI, 2020). Perguntas que ampliam as pautas tratadas por Woolf em seus ensaios, dentre elas, as diferenças de oportunidades concedidas a cada gênero.

Se após cem anos as discussões introduzidas por Woolf ainda ressoam é porque, conforme mencionado por Eurídice Figueiredo, é recente o surgimento de autoras ultrapassando barreiras, e que foi preciso uma geração de jovens escritoras disposta a romper preconceitos, ao abordarem questões pouco discutidas, relativas ao corpo, em suas escritas: “Abordando temas tabus como o incesto, o estupro, o erotismo, a lesbianidade, o aborto, a bulimia, a automutilação, a amamentação, a menstruação, a TPM, ou seja, assuntos em que o corpo está em destaque” (FIGUEIREDO, 2019, p. 139).

Sendo assim, o corpo descrito revela-se como forma de resistência. As escritoras se expressam ao introduzirem nos seus textos situações que retratam o viver feminino, que oportuniza visibilidade de assuntos que precisam ser debatidos e que a mulher observa e interpreta com empatia, tendo ou não, vivenciado o fato, pois não se restringe apenas ao testemunho, mas também ao posicionamento. Segundo Figueiredo:

não se trata de postular que escritoras representam, de maneira autêntica e realista, as situações reais vividas por elas. As mulheres recriam em suas obras um imaginário que está ancorado no local e no momento histórico em que elas vivem (FIGUEIREDO, 2019, p. 139).

Em percurso semelhante, encaminha-se a produção literária de Paulina Chiziane, que apesar de fazer parte de outra geração e ter sua origem em Moçambique, país com outro

contexto cultural, político e socioeconômico, percebe-se similaridades nas relações homem e mulher, quando predizem uma estrutura patriarcal que gera embates de gêneros, inclusive nas produções literárias.

No mesmo continente, a escritora e poeta cabo-verdiana Dina Salústio também define a importância da representatividade da mulher na escrita literária, tendo em perspectiva que a narrativa feminina reivindica protagonismo das mulheres em uma sociedade que, por muito tempo, as limitou aos papéis determinados para ela, esses “[...] em que as mulheres estavam destinadas tradicionalmente à procriação, a gerir o doméstico, a profissões ditas femininas, enfim, identificada por causa da maternidade como um prolongamento da natureza” (SALÚSTIO, 2018).

Em consonância com a representatividade feminina que retira a mulher das contenções sociais e invisibilidade, Paulina Chiziane expõe, de maneira crítica no romance *Niketche: uma história de poligamia* (2002), possibilidades de autonomia da mulher seja a silenciada, seja na condição física e/ou emocional, o que é perceptível na transgressão da personagem Rami, narradora do romance que, através de suas experiências com o corpo e com a própria sexualidade, rompe com o estereótipo esperado da esposa servil moçambicana e permite mais uma leitura significativa dentro da obra.

Maria Rosa, a Rami, ora personagem-narradora, que se coloca no romance como “uma mulher de bem, uma mulher casada” (CHIZIANE, 2021, p. 10). Rami, mulher negra, do sul de Moçambique, com cerca de quarenta anos e casada há, pelo menos, vinte anos com o comandante de polícia Tony, firma-se através do status correspondente a uma mulher de posição na sociedade. Porém, em contrapartida, demonstra um sentimento de abandono e insegurança com a falta do marido que, por sua vez, pouco aparece em casa, em razão dos relacionamentos extraconjugais.

Esse primeiro destaque focaliza o perfil de uma mulher dependente e queixosa da ausência do marido, que, inconformada com a rejeição, recorda que, na juventude, teve vários pretendentes: “Eu, Rami, mulher bela. Eu, mulher inteligente. Fui amada. Disputada por vários jovens do meu tempo [...]” (CHIZIANE, 2021, p. 13). Apesar dessa afirmação conceder a personagem um suposto caráter de confiança e autoestima, torna-se mais evidente, a partir da interação de Rami com o espelho, que a descrição se revela distante da maneira como a personagem realmente se vê.

No começo do contato de Rami com o espelho, o reflexo lhe projeta olhos que brilham no rosto de uma mulher feliz, porém Rami não se reconhece nessa imagem, julga tratar-se de uma intrusa, já que há tempos que não se percebe dessa forma. Após uma breve reflexão, a

personagem conclui que tal imagem ainda possa estar dentro de si, mesmo considerando que o seu corpo não corresponde a tais formas. Sentindo-se gorda e pesada, reconhece semelhanças apenas com a cor dos seus olhos e a cor da sua pele, características que a deixam encantada e hipnotizada, mesmo que ainda não compreenda tratar-se da sua própria figura:

Aquela imagem é uma fonte de luz e eu sou um fosso de tristeza. Sou gorda, pesada, e ela magra e bem cuidada. Mas os olhos dela têm a cor dos meus. A cor da pele é semelhante à minha. De quem será esta imagem que me hipnotiza e me encanta? (CHIZIANE, 2021, p. 14)

Essa passagem determina os primeiros passos de Rami ao novo destino, que é impulsionado através do monólogo interior que trava diante do reflexo, situação que a leva a questionamentos sobre si mesma e quem se tornou, após os longos anos vivendo apenas no papel de esposa:

— Quem és tu? — pergunto eu.
 — Não me reconheces? Olha bem para mim.
 — Estou a olhar, sim. Mas quem és tu?
 — Estás cega, gémea de mim (CHIZIANE, 2021, p. 14).

Desse modo, o espelho inaugura uma fase de autoconhecimento da personagem, sendo um fio condutor para a sua autorreflexão, pois é através do diálogo interior travado que a personagem consegue lidar com a traição do marido, resgatar sua confiança, despir-se de preconceitos e ter prazer nas novas experiências através do corpo e da sexualidade.

Nesse aspecto, Paulina Chiziane não se preocupa com aprovação do público leitor, mesmo que o tema não seja amplamente explorado. Ainda assim, contribui para a abertura de espaço para as escritoras mais recentes, procurando dissolver os obstáculos que limitam a sua fala. Segundo Pachá e Piedade, “tudo o que diz respeito à sexualidade feminina não é falado. Masturbação feminina, tesão, desejo. Tudo isso é desqualificado porque a sociedade é machista, patriarcal” (PACHÁ; PIEDADE, 2021).

O corpo é delineado progressivamente e serve de moldura nessa desconstrução da baixa autoestima de Rami que, aos poucos, percebe a imagem como a representação de sua gêmea, processo que experimenta apoiada nas lembranças da juventude, que a fazem julgar que sua aparência jovem é mais bela que o seu corpo atual, fato que a impacta negativamente. Entretanto, a sua força interior também é lembrada e desencadeia uma esperança no futuro.

Outros episódios vão sendo descritos pela própria Rami que, em determinado momento, estende sua mão ao próprio reflexo e beija-se ao questionar por que o espelho confidente e revelador só se apresentou após tantos anos. Sob essa ótica, podemos inferir que foi a primeira

vez que a personagem se concedeu um tempo, pois, até então, mal se olhava, por isso a importância desse confronto pessoal após tantos anos de cuidados restritos aos filhos e ao marido.

O corpo que deu à luz cinco filhos é o mesmo que, aos poucos, decide libertar-se de todos os anos de insignificância, redescobrimo, nesse percurso, a própria sexualidade, que se inicia na casa de Luíza, fase da história em que Rami já frequenta os lares das rivais.

Na narrativa, após uma festa de família sem a presença de Tony, que também se tornou ausente na casa das outras mulheres, Rami, que havia bebido um pouco ao final da festa, se depara com a chegada de um desconhecido:

A campanha toca, e a porta abre-se para deixar entrar mais um convidado. Um homem. Mas quem é esse homem maravilhoso que segura um ramo de flores como uma noiva? Quem é ele, que seguiu os caminhos tortuosos até este canto escondido, sob o manto romântico da penumbra? (CHIZIANE, 2021, p. 69).

A personagem, desconfiada de que, provavelmente, tratava-se de um amante de Luíza, questiona a relação, enquanto sugere estar indignada com a ousadia daquela. Essa postura vai sendo abalada quando, seduzida pelo homem misterioso, deixa-se naturalmente ser envolvida pelo desejo: “Ele sorri. Sorriso que me banha de loucura. Experimento um milhão de sensações. Calor. Frio. Fome. Fogo. Sede” (CHIZIANE, 2021, p. 70).

Paulina Chiziane escreve essa descoberta da personagem com muito lirismo e descrição de sensações. O leitor é transportado para um universo de feminilidade através da explosão de sentimentos percebidos em Rami que, além do sexo, resgata a sua autoestima, ao se identificar atraente para outros homens e capaz, também, de seduzir:

Meu Deus, o meu corpo está a ser derrubado por uma corrente de sangue. Sinto pruridos no coração, movimento-me desesperada para todos os lados, a cadeira já não me sustenta. A saia produz calor nos meus interiores, apetece-me despi-la. Talvez seja do vinho. Eu bebi pouco vinho, mas bebo muito afrodisíaco que brota deste desconhecido com olhos de sol. Esqueço todas as regras de boas maneiras e me afundo. Sou um rio escorrendo, fluindo na cascata, estou a cair no precipício (CHIZIANE, 2021, p. 70).

No segundo destaque, o corpo se rebela após concentrar, por muito tempo, todas as angústias e revolta com as experiências de opressão vivida. Nesse aspecto, Rami inicia uma transgressão entregando-se ao prazer e tornando-se, por convite de Luiza, amante efetiva do mesmo homem:

Este homem é Deus, responde à minha prece e vem. Os meus braços se abrem como flores desabrochando na carícia do sol. Todas as estrelas da via láctea se estendem no meu leito e eu danço ao som do meu silêncio. Fecho os olhos e voou. Este homem tem o poder infinito de me fazer viver. E morrer. E evadir-me para outros planetas com o corpo em terra. Adormeço na lua (CHIZIANE, 2021, p. 71).

Ao lembrar o ocorrido, Rami censura-se, influenciada pelos valores patriarcais instituídos pela sociedade, que censura a infidelidade feminina, porém sente um anseio mais forte, que é de se entregar ao desejo; sente o corpo queimar:

Eu era uma pedra firme. Incorrupível. Sempre vivi acima das outras mulheres porque era a mulher de todas as virtudes. Feri a minha fidelidade, abri uma brecha, uma ferida que não cicatriza. Derrubei os pilares onde assentavam todos os valores, não resisti à tentação (CHIZIANE, 2021, p. 71).

No prosseguir da história, reconhece que, realmente, não poderá se conter e, mais uma vez, o corpo liberta-se: “O meu corpo, ah, meu corpo, meu inimigo!” (CHIZIANE, 2021, p. 72). E, mais especificamente: “É difícil ser fiel quando se tem o corpo em chamas” (CHIZIANE, 2021, p.72). Constata-se que trata-se de uma mulher que foi fiel ao marido por mais de 20 anos e ainda suportou todas as traições de maneira pacífica, até essa reviravolta em sua vida.

Em *Niketche*, além da possibilidade de Paulina Chiziane falar sobre sexo, outro aspecto íntimo do corpo é exaltado; o corpo nu como detentor de um poder ancestral:

nudez de uma esposa apenas no escuro ou na penumbra, porque é o centro da vida, ponto de origem. Da nudez para o paraíso original é apenas um passo. Homem e mulher viviam nus antes do pecado (CHIZIANE, 2021, p.129).

A personagem Luíza, mais experiente, convence Rami a refletir que não cometeram nenhum crime, porque, por muito tempo, aguardou um marido que não estava mais disposto a manter o relacionamento: “Eu queria dizer que não, que não pactuava com aquilo tudo, que era uma mulher às direitas e todo o cortejo de adjetivos que as mulheres gostam de colocar sobre si próprias. Não consegui. Os argumentos dela eram mais fortes que os meus” (CHIZIANE, 2021, p.73). Rami, por sua vez, ainda mantém a dúvida, mas a sua resistência é desfeita diante da presença do desconhecido, quando começa avaliá-lo e se imaginar em seus braços:

Agrada-me aquela voz bem masculina e aquele sorriso. Agrada-me ainda mais o calor do novo abraço. Fecho os olhos. Seguro nos meus pulmões este grão de ar, delicioso mistério do sopra. Viajo no espaço. Do céu inteiro caem gotas de chuva sobre o meu corpo e varrem todas as chamas que me devoram. Os sentimentos de solidão, de angústia, de rejeição, boiam como detritos na corrente de mel. Sou de novo um rio.

Escuto em silêncio o marulhar suave das ondas do meu sangue. Viajo no alto, sou estrela, sou luz, eu brilho. Sou arco-íris, tenho todas as cores da sensualidade, estou no espaço, estou na lua (CHIZIANE, 2021, p. 75).

A narrativa progride com as visitas regulares de Rami à casa da Lu, onde encontra-se com o homem misterioso que, nessa fase, já tem o nome revelado: Vito, amante que já compartilha com Luiza: “A minha consciência, censurava-me, mas o meu corpo estava lá a hora combinada, absolutamente dependente daqueles encontros secretos como uma viciada em heroína” (CHIZIANE, 2021, p. 79).

Nesse terceiro momento, percebe-se, na história, que Rami torna-se mais confiante, inclusive diante dos feitos do marido, e pensa em alguma forma de desfazer a postura de superioridade de Tony e, para tanto, conta com a reunião de todas as amantes do marido, para que juntas possam exercer a força feminina.

Com a finalidade de vingança, Rami lidera o grupo e conduz um plano cuja proposta é a nudez de todos os seus corpos juntos, para que se imponham ao gênero masculino. Rami descreve o ato, que envolve raiva e sedução: “Despimo-nos, em *striptease*. Ele olha para nós. Os seus joelhos ganham um tremor ligeiro” (CHIZIANE, 2021, p. 124). Essa estratégia inicia com a cama desmontada e a colocação de uma esteira na qual as cinco mulheres exibem seus corpos. Chiziane descreve as formas, o clima, as sensações através da percepção de Rami do acontecimento à sua volta:

Faz muito calor neste quarto mas as janelas estão abertas. O vento corre fresco, mas o quarto é quente, de onde vem esse calor todo? Ah, este é o calor da transpiração. É o fogo da zanga escapando do corpo humano. Olhe para as minhas irmãs, completamente nuas. Roliças, todas elas. O chão do quarto vai vergar de tanto peso. Avalio a situação e apanho um susto. Meu Deus, é muito traseiro e muito seio. Tudo isto para um homem só? (CHIZIANE, 2021, p. 124).

O personagem Tony se desespera, conforme imaginado pelas mulheres, não se sente seduzido, pelo contrário: “Meu Deus! Por favor, parem com isso, por Deus, que azar é este que me dão agora?!” (CHIZIANE, 2021, p. 124). O próprio texto revela que a nudez da mulher no ato da zanga é mau agouro, motivo que justifica o desespero do homem ao se deparar com todas nuas, na mesma intenção de vingança:

À volta de Tony, cinco corpos cobertos com lençóis brancos, como cadáveres na morgue. Move o braço para virar à esquerda. Esbarra com uma muralha humana, não há espaço para movimentar o corpo. Pede licença respeitosamente, levanta-se de rosto coberto de lágrimas. A valentia foi quebrada (CHIZIANE, 2021, p. 125).

No último destaque à sexualidade, Paulina Chiziane introduz no romance uma suposta morte de Tony. O desaparecimento do personagem ocorre subitamente. Rami só sabe ao certo o que aconteceu com o marido através de uma outra possível conquista do homem, uma mulher chamada Eva. Esta revela a Rami que, na verdade, o marido foi de férias a Paris, levando outra mulher, dessa vez, Gaby. Rami explica à desconhecida como estaria ocorrendo a condução da sua viuvez. Descreve as ações bruscas dos familiares do marido, com a justificativa que teriam que cumprir os costumes atribuídos à viúva, circunstância que inclui rasparem os seus cabelos, tomarem-lhe o direito ao próprio corpo e casa, mesmo sem a morte do homem confirmada.

O destaque, nessa fase, se concentra nas suas obrigações como viúva; deverá se submeter a kutchinga, purificação sexual que só ocorre através de uma relação sexual com um dos cunhados que, nessa altura, já mantém os olhos sobre ela: “Cheira a erotismo no ar” (CHIZIANE, 2021, p.184). Depois de uma inicial revolta, encharcada de suor e medo, avaliando a situação, começa a imaginar: “[...] existirá alguma mulher que no ato do kutchinga que gemesse de prazer?” (CHIZIANE, 2021, p. 184).

A suposta tragédia familiar toma, então, outro significado para Rami, que revela a Eva o processo de ritos ao qual foi submetida, mas com olhos atentos ao momento de amor reservado com o cunhado. Explica:

[...] Invocaram a tradição e a religião e mandaram-me calar a boca. Querem fazer tudo à sua maneira. Olha só o que me fizeram. Tiro o lenço e mostro-lhe a minha cabeça rapada. — Fizeram-me isto porque sou viúva. Porque é tradição. [...] — Que me tchinguem. De resto, estou mesmo a precisar de um momento de amor. [...] É um monumento de diamante, esse homem. Se toda aquela beleza tivesse ações na bolsa de valores, comprava-as todas, eu juro. Se ele estivesse em leilão, pagava o preço mais alto, só para ele ficar comigo, para uma noite de amor. [...]. — Pois esse monumento vai ser meu na cerimónia do kutchinga. Por pouco tempo, mas meu. Estou ansiosa (CHIZIANE, 2021, p. 187-188).

Todas as inquietações da personagem são respondidas a partir da experiência sexual esperada. Percebe-se que Paulina Chiziane transforma uma imposição de controle e regras tradicionais e impostas em um momento de prazer e satisfação de Rami, representada em toda liberdade encontrada nesse encontro íntimo e amoroso:

Ele dá um beijo pequeno. Um beijinho suave e incendeia-me toda com a sua chama. As suas mãos macias tocam o tambor da minha pele. Sou o teu tambor, Levy, toca na minha alma, toca. Toca bem no fundo do meu peito até que morra de vibração, toca. Aí meu Deus, sinto leveza no meu corpo. Sinto um rio de mel correndo na minha boca. Meu Deus o paraíso está dentro do meu corpo. Tenho fogo aceso no meu forno, eu ardo, eu enlouqueço, eu afundo. Mergulhamos fundo na leveza das ondas. Sobre nós cai a chuva luminosa das estrelas do mar. Os peixes voadores emprestam-nos suas asas e voamos no profundo do oceano. A terra é um lugar amargo e distante. Sinto

que vou morrer nos braços deste homem. Morrer nos braços deste homem. Amor de um instante? Que seja! Vale mais a pena ser amada um minuto que desprezada a vida inteira (CHIZIANE, 2021, p. 194-195).

Evidencia-se a coragem da autora em transportar em seu romance, escrito no início do século XXI, em Moçambique, sensações de prazer desfrutadas por uma mulher, de maneira que não se trata apenas de falar sobre ato sexual, mas sim de demonstrar a possível emancipação do feminino em todos os aspectos de sua vida e, aqui, inclui-se o de ter desejo sexual e sentir-se realizada com isso, desconstruindo excessivas reservas e falso puritanismo. Rami justifica: “Com o Levy fiz amor sagrado e com o Vito amor roubado, sem nenhuma intenção de traição” (CHIZIANE, 2021, p. 259). Percebe-se que a personagem não atribui para si nenhuma culpa quanto aos encontros amorosos fora do casamento, pelo contrário, relata apenas com prazer as circunstâncias do ocorrido.

3.3 **Corpo, união e resistência em *Niketche*: mulheres de mãos dadas**

No texto que apresenta a edição de *Niketche: uma história de poligamia* (2021), da Companhia das Letras (edição de bolso), descrito por Paulina Chiziane, surge uma declaração-poema, no qual ela exalta duas importantes mulheres da cena política moçambicana: Leontina dos Muchangos e Alcinda de Abreu, cujas militâncias são exercidas em prol dos direitos humanos da mulher, participantes de programas e ações que buscam atuar nas decisões políticas no país, com vistas a garantir ao gênero feminino o exercício da cidadania.

A autora, que é defensora de causas em favor de uma vida digna às moçambicanas, externa o seu sentimento de gratidão a outras mulheres que atuam nesse propósito, conforme percebido nos versos afetuosamente elaborados:

Com a Leontina dos Muchangos
navego pelo universo da mulher,
essa alma desconhecida
onde descobri poderes adormecidos
e
Com a Alcinda de Abreu, passeio até o Sol se pôr
E o dia clarear,
nas paisagens mais extraordinárias
do mundo de uma mulher (CHIZIANE, 2021).

Moçambique, atualmente, conta com vários movimentos de militância realizados por mulheres que defendem uma condição mais digna de vida àquelas que continuam a sofrer com o sistema político do país. A pesquisadora Isabel Maria Casimiro, na sua publicação intitulada “Paz na Terra, Guerra em Casa” (2014), descreve os caminhos percorridos pelas organizações de mulheres em Moçambique.

Dentre a relação de participantes do ativismo feminino em Moçambique, destacam-se os nomes de Leontina dos Muchangos e Alcinda de Abreu, mulheres moçambicanas no exercício da luta pela melhoria do país e que buscam alcançar igualdade de direitos e respeito para todas as mulheres das regiões.

Leontina dos Muchangos compõe a liderança do Fórum Mulher, organização feminista formada pela sociedade civil que atua em várias ações de conquista à igualdade de gênero. Fórum esse que faz parte de um movimento ainda maior, designado Fórum das ONGs Nacionais, com sede em Maputo e instituído na década de 1990, cujas ações, segundo Casimiro, “estão ligadas a ideais de democracia, justiça social, valorização da identidade e solidariedade das organizações membros e defesa de interesses comuns” (CASIMIRO, 2014, p. 300). Ainda dentre outros diversos postos de trabalho, Muchangos é também membro do Núcleo da Mulher Académica (NUMAC), em que aparece também como parte do grupo fundador.

Já Alcinda Abreu encontra-se presente na história da primeira organização não-governamental dos Direitos Humanos de Moçambique, MULEIDE (Associação Moçambicana Mulher, Lei e Desenvolvimento), originada após o projeto “A Situação Legal da Mulher em Moçambique”, no qual exerceu a presidência.

Nos lugares de lideranças, essas mulheres moçambicanas trazem representatividade para outras mulheres que se julgam anônimas e desamparadas em suas necessidades, aspectos relevantes na estética literária de Paulina Chiziane, que não se priva em mostrar, através de suas personagens, as dificuldades que são combatidas diariamente pela população feminina, fato que, possivelmente, lhe fez celebrar a vida e a existência de suas companheiras e colocá-las no lugar de inspiração feminina.

Se no começo da história, ao encontrar as amantes de Tony, Rami mostrou-se indignada, julgando-se traída, comportamento fortalecido pela visão constituída de ser a única esposa honrada, a chamada “legítima”, dentro dos parâmetros tradicionais, a mulher detentora dos direitos e encarregada dos deveres conjugais, aos poucos, a sua posição se modificou em favor das demais. O primeiro sinal da cumplicidade entre as mulheres ocorre quando Rami, após travar uma briga com a amante do marido, Julieta, recebe o acolhimento da suposta rival em gesto de irmandade, momento em que a personagem começa a despertar uma consciência de

que ambas são apenas vítimas da dominação masculina. Julieta, então, cuida de seus ferimentos: “Julieta levou-me para dentro de casa. Deu-me banho morno. Fez-me os pensos para estancar as feridas [...]” (CHIZIANE, 2021, p. 21).

Outras vozes surgem nesse trânsito de fortalecimento feminino, porque as dificuldades continuam e as reivindicações são necessárias. Nzira Deus, que faz parte dessa nova geração de mulheres ativistas, esclarece que são graves as questões, como usurpação de terras, que, hoje, é o principal meio de sustento para as mulheres; a exclusão de qualquer participação na tomada de decisões é apenas um dos pontos a se considerar nas lutas diárias das mulheres.

O preconceito existente no país tenta minar as tradições existentes; os cultos e práticas tradicionais são rechaçados, o que implica, inclusive, em que as mulheres sofram violência. Como resistência, projetos como a “fogueira feminista” expandem a oportunidade de debates. Trata-se de:

[...] uma roda de conversa que nós, mulheres jovens feministas, criamos para partilhar nossos desafios cotidianos, expor nossas indignações, fortalecer nossa militância na defesa dos nossos direitos. [...] É um momento de passagem de testemunho dos mais velhos para os mais jovens, compartilhando histórias, ensinamentos e conselhos para vida. Usamos dessa prática para estar próximas umas das outras (DEUS, 2021).

Deus menciona que a fogueira conforta e fortalece, pois as mulheres não se sentem sozinhas no enfrentamento do machismo. Tal encontro tornou-se um símbolo importante para o movimento feminista em Moçambique.

Sinais desses movimentos em busca da equidade entre os gêneros servem de combustível para que autorias femininas negras, como Chiziane, tragam à tona dinâmicas similares, que ecoem reflexões sobre cumplicidade, sororidade às personagens femininas.

Na página do *Facebook* da MOVFEMME (Movimento das jovens feministas de Moçambique), surge o registro da participação da escritora em recentes debates no encontro ao redor da fogueira em 2019. Paulina Chiziane, além de sua participação através de seus textos, ainda se mostra disponível para se juntar a essas jovens mulheres para compartilhar conhecimento.

Em *Niketche*, nota-se que o próprio texto de Paulina Chiziane oferece o enfoque necessário em torno do relacionamento do gênero feminino com o mundo e com iguais, elementos que evidenciam a ótica de Chiziane de apoio mútuo entre mulheres, ideias que também são fruto de sua participação em projetos nas Nações Unidas, para a promoção da mulher, o que incide na ficcionalidade.

Rami, Julieta, Luísa, Saly e Mauá permitem que uma força agregadora possa impulsioná-las, transformando-as de adversárias a cúmplices e parceiras, um sistema de apoio familiar. No decorrer da história, os corpos femininos, aos poucos, se reconhecem, regeneram-se e acolhem-se em gestos de irmandade: “Julieta levou-me para dentro de casa. Deu-me banho morno. Fez-me os pensos para estancar as feridas [...]” (CHIZIANE, 2021, p. 21). Instante de escuta, identificação mútua, empatia que se apresentam em consonância com o conceito de sororidade.

De acordo com Pachá e Piedade, “sororidade vem da ideia de irmandade, mas também podemos dizer que tem a ver com empatia, união entre mulheres, solidariedade [...]” (PACHÁ; PIEDADE, 2021). Rami reconhece o sofrimento das outras e se compadece; os desabafos que passa a colher na casa de cada uma das mulheres lhe trazem as lembranças da sua experiência particular, sentimento externado em diálogos e encontros travados entre elas. Episódios que retratam circunstâncias de amparos, que vão surgindo ao longo da narrativa. Rami conforta Julieta: “Abraço-a. Conheço a amargura deste choro e o calor deste fogo. Emociono-me. Solidarizo-me” (CHIZIANE, 2021, p. 22).

Rami também se sente vulnerável, encontra na nova conquista do seu marido, Tony, uma mulher que poderia ser considerada mais uma ameaça ao seu casamento, porém, surge como um apoio físico e emocional para a cura do seu abatimento. Eva acolhe Rami, duas mulheres que, no jogo das relações, se sentem mais vítimas do que agressoras, diante da complexa situação em que se encontram. Com carinho, Eva “descarrega sobre mim o oceano de ternura. Coloca o seu braço delicado sobre o meu ombro. Abraça-me” (CHIZIANE, 2021, p. 186).

Em diálogo com a narrativa, a epígrafe do romance *Niketche* também revela a crença no feminino, reverenciado por Chiziane através do pequeno provérbio zambeziano: “Mulher é terra. Sem semear, sem regar, nada produz” (CHIZIANE, 2021). A mulher, no universo da maternidade, a missão de procriar, gerar descendência é a mesma que procura o seu espaço de fala, de existência, de respeitabilidade no processo de transferência de conhecimento que coube a ela preservar através da oralidade.

A maternidade em comum é um elemento motor na decisão de Rami preocupar-se em garantir um futuro digno para os filhos gerados fora do casamento, exigindo do marido o reconhecimento de todas as crianças nascidas dos relacionamentos extraconjugais, fato declarado com gratidão pela personagem Lu, durante uma das reuniões entre as mulheres:

Tiraste um pouco da tua chama e acendeste as nossas velas. Somos esposas de um polígono, socialmente reconhecidas, já ninguém nos olha como mãe solteiras apesar dos pesares. Os nossos filhos têm direito a um pai e a uma identidade. Nós já temos negócios, vida própria, sonho e sombra. Já não estendemos a mão para pedir sal e sabão (CHIZIANE, 2021, p. 220).

Para a jornalista e escritora Paula Roschel, o conceito de “Sororidade” está além de ser um substantivo feminino de fraternidade; se estende a outros significados. Ela esclarece:

solidariedade entre irmãs, harmonia e, sobretudo, aliança feminina, mas seu maior impacto está na luta contra a violência e injustiça relacionada ao gênero, sugerindo que através do apoio coletivo entre mulheres é possível lutar pelo direito de todas. [...] a capacidade de se pôr no lugar da outra, de se enxergar em outra mulher, reconhecendo nela suas próprias forças e fraquezas – mesmo entre aquelas que não estão no seu círculo de convivência [...] (ROSCHEL, 2020).

A sororidade, então, implicaria em atitudes de afeto e tolerância, uma compreensão aplicada diante de diferentes questões. No caso, o fato de aceitar e acolher afetuosamente outra mulher, com suas demandas e problemas, mesmo que não se afinem as suas questões pessoais, definiria uma prática empática, logo uma atitude de sororidade. Vibrar com a conquista de outras mulheres e incentivar ou participar do seu crescimento pessoal também faz parte dessa troca. Em *Niketche*, Rami se alegra com a realização da Lu:

Foi um momento de emoção. Abraçámo-nos. Rimos. Chorámos. Não conseguia acreditar naquilo que os meus olhos viam. A Lu estava a fazer progressos financeiros consideráveis. — Parabéns, Lu! — digo eu enquanto fazemos um brinde com copos de água (CHIZIANE, 2021, p. 215).

A escuta generosa também contribui para o fortalecimento da outra mulher, que espera apenas identificação de iguais com a sua dor, uma atitude de compaixão e acolhimento: “Vejo duas lágrimas serenas no rosto da Lu. Tem um momento de ausência. Há uma janela abrindo-se no fundo da consciência. Deve estar a pensar na aldeia que ficou. Na infância amarga que passou” (CHIZIANE, 2021).

Rami busca prosperar, juntamente com as outras mulheres. Não há nela o egoísmo ou mágoa do passado; a sua atitude é de benevolência com todas as mulheres de Tony, com as quais compartilha os recursos financeiros necessários, incentiva, ajuda na elaboração de projetos, com o desejo de vê-las, cada uma, donas de suas próprias vidas e com garantia de permanência de seus negócios e planos vigentes:

Transferi o dinheiro das mãos da Lu para a Mauá e dei a Ju um dinheiro que o Tony me dera um dia para guardar. A Mauá começou a tratar dos cabelos, a desfrisar cabelos, coisa que ela entende muito bem. Começou na varanda da sua casa.

Conseguiu duas ajudantes. A varanda era pequena e passou a usar a garagem da sua casa. Agora tem uma multidão de clientes. A Ju vai aos armazéns, comprar bebidas em caixa e vende a retalho. Dá muito lucro. Nesta terra as pessoas consomem álcool como camelos. Ela começa a sorrir um pouco e a ganhar mais confiança em si própria. O Tony reage mal às nossas iniciativas, mas nós fechamos os ouvidos e fazemos a nossa vida (CHIZIANE, 2021, p. 103).

A narrativa atinge o seu ápice quando as mulheres se reconhecem fortes e todo contexto do sagrado se avulta dentro delas. O feminino preenche todo o espaço pretendido por Chiziane, que ficciona um novo formato do viver desse grupo de mulheres:

Levanto os olhos e contemplo o mundo. Num canto, as mulheres juntam-se em roda e as suas vozes explodem no majestoso canto [...] por que choro eu, se ninguém morreu? Expulso as dores e as mágoas. Expulsa as lágrimas que se prendem nos meus cílios, afasta esta pedra medonha que me aperta o peito e me impede de respirar puro [...] A terra é de barro e tem a forma de mulher. A lua é nossa, colonizamo-la, foi-nos conquistada por Vuyazi, pioneira, heroína, princesa e rainha, primeira mulher do mundo que lutou pela felicidade e pela justiça. O mundo é nosso, em cada coração de mulher cabe todo o universo. Retiramos a sua alma do inferno do céu para o paraíso da terra à volta da fogueira, e com ela serpenteamos nas ruas da cidade. Juntas celebramos o porvir e juramos: a partir de hoje, caminharemos na marcha de todas as mulheres desprotegidas pela sorte, multiplicaremos a força dos nossos braços e seremos heroínas tombando na batalha do pão de cada dia. A cantar e a dançar, construiremos escolas com alicerces de pedra, onde aprenderemos a escrever e a ler as linhas do nosso destino. Atravessaremos o mar com a nau dos nossos olhos porque saberemos navegar até ao além-mar e levaremos a mensagem de solidariedade e fraternidade às mulheres dos quatro cantos do mundo (CHIZIANE, 2021, p. 253-254).

A dança simboliza essa união, os corpos se movem em sintonia pela libertação, não apenas para elas, mas para outras mulheres que virão. Um trecho da narrativa em que Paulina Chiziane traduz a energia feminina, que se sustenta através da troca desses corpos em interação: “Ao som das palmas das cantigas, giro para cá, para lá, para cima, para baixo, para a esquerda, para a direita, na dança desaforo, dança oração, dança liberdade. [...] Com suor e lágrimas danço em oração: Deus, faz de mim a última mulher da geração do sofrimento!” (CHIZIANE, 2021, p. 253).

A resistência é uma atitude persistente entre as mulheres do romance que Chiziane procurou representar no romper dos rótulos impostos pela sociedade patriarcal. Nesse aspecto, a própria escritora também traduz a sua resistência, ao superar diversos conflitos armados e desconfianças quanto ao seu fazer literário. Para a premiada escritora cabo-verdiana Dina Salústio, ao se referir às dificuldades encontradas no mesmo continente, explica as alegrias e revezes da escrita desse corpo feminino:

Nós mulheres escrevemos sobre isso, escrevemos isto. De várias maneiras, com intensidades diferentes, de vários jeitos e em vários géneros. Escrevemos com o corpo magoado, com o corpo humilhado, com o corpo abandonado, com o corpo maltratado.

Também escrevemos com o corpo alegre, realizado, dançante e vitorioso. Em primeira pessoa. E mais: nós estamos a aprender a escrever, mas sobretudo estamos a colocarnos no lugar da outra mulher e a aprender a ver do lugar onde ela se encontra e de onde ela olha para que, na nossa escrita, a sua verdade não seja deturpada ou adaptada a outros interesses (SALÚSTIO, 2018).

As correntes sociais que aprisionam Rami são destaque e contraponto de suas realizações. Quando se sente liberta do casamento fadado ao término, no qual permanecia na invisibilidade, exalta a sua independência: “Era minha alma fora das grades sociais. Era o meu sonho de infância, de mulher. Era eu, no meu mundo interior correndo em liberdade nos caminhos do mundo” (CHIZIANE, 2021, p. 214). Esse trecho de *Niketche* define a emancipação de Rami diante da condição que vivia, momento em que há um reencontro da personagem com os seus sonhos da juventude, esses reprimidos pelo marido. E, ainda mais importante, chega a este momento trazendo ao lado as outras mulheres, beneficiando-as.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ELAS POR TODAS

A trajetória de estudo percorrida em *Niketche: uma história de poligamia* (2002) não possuía como foco inicial o estudo do corpo nesse texto literário de escrita feminina, negra e moçambicana. A travessia, surpreendentemente, foi induzida pelo próprio texto, que mostrou-se acessível ao expressar algumas questões relevantes sobre o tópico do corpo feminino negro, o que tornou-se oportuno para dissolver qualquer depreciação em torno do assunto.

Após ser definido o ponto de partida da pesquisa, mostrou-se necessário destacar o desafio de Paulina Chiziane como romancista em seu país, fato externado pela própria escritora em entrevistas, nas quais revela que teve certa dificuldade em conseguir aceitação no cenário intelectual moçambicano, em consequência da sua condição de mulher subjugada no contexto social do seu país, sendo *Niketche* e outras obras posteriores, escritas mediante muita coragem e desprendimento acerca das opiniões lançadas a seu respeito.

Ao chegar às considerações finais, não pude desvencilhar a minha percepção de pesquisadora das minhas abstrações femininas, em razão de encontrar, no desenvolvimento desta pesquisa, uma concentração de vozes de muitas mulheres, estando diretamente presentes (ou não) no conjunto das personagens do romance estudado.

A narrativa de Paulina Chiziane em *Niketche* e o seu posicionamento diante do mundo provocaram outras ramificações diante da análise e investigação da temática inicialmente pretendida. No seguimento da observação sobre a interação corporal de Rami, dispararam diferentes pautas, todas percebidas eficazes para uma série de debates em torno do corpo feminino negro moçambicano, no papel atuante de ser mulher no país e, ainda mais particular, o de ser escritora de vivências como Chiziane.

Um exame mais atento identificou um projeto literário-feminino e político de narrativa, cuja voz expressiva perpassa situações restritas ao local e desdobra-se para assuntos universais sobre mulher e sociedade, sempre alargando a visão feminina para além do territorial. Tal afirmativa não pretende desabonar o percurso de escuta e investigação acadêmica realizada com foco no corpo da narradora-personagem. Entretanto, há de se considerar que muitas vertentes poderão ser aprofundadas em futuros estudos relativos ao romance.

No estudo, a autoria feminina negra foi compreendida como um movimento de “percussão”, cuja voz contundente e unissonante desafia os elementos que colidem com a liberdade feminina. São textos que não falam de si para si, procuram assinar uma sentença de

reconstrução da chamada história única, aquela contada por homens, sobretudo, os brancos na condição de dominação.

Entendeu-se, com clareza, que as mulheres negras que escrevem estão vigilantes ao passado no qual se encontra o registro de memórias e ancestralidade. Porém comprometem-se com o abrir portas para que outras gerações de mulheres possam se apropriar do direito de narrarem o mundo às suas maneiras e que se apoderem de um fazer literário que permita evidenciar novas versões, sejam elas fictícias, biográficas e/ou autobiográficas no porvir da emancipação. Na investigação do romance, ressaltou-se que as escritoras não narram solitárias, são “elas por todas”; na proporção que escrevem, falam à sociedade sobre seus dilemas e das demais.

A exemplo, a poetisa moçambicana Noémia de Souza desafiou um sistema de opressão de raça e gênero, sem “florear” a condição social dos subalternizados pelo colonialismo. O seu grito não buscava saciar apenas os seus anseios pessoais e literários, mas atendeu, também, uma missão maior, que imprimiu com bravura em seus textos, resistindo e denunciando. Combateu com palavras e garantiu que as suas sucessoras tivessem vez, confrontando o contexto de produção literária prioritariamente masculino.

O seu apelo foi uma força que sustentou e sustenta os gritos femininos mais recentes e que alicerça a literatura dos oprimidos, negros perseguidos, mulheres escravizadas. Os versos são preces de liberdade e resgate à origem sufocada: “Ó África, minha mãe-terra, ao menos tu não abandones minha mãe heroica, perpetua-a no monumento glorioso dos teus braços!” (SOUSA, 2016, p. 84).

De maneira que, ouvindo a sua voz, Paulina Chiziane reverencia, ao berço da ancestralidade africana sagrada, um continente personificado no feminino, que acolhe, acalenta e fortalece as mulheres da terra nas caminhadas. Os textos das autoras são novos chamados a essa existência feminina negra que, mesmo quando teme os infortúnios do futuro, denuncia o sofrimento e movimento dos corpos de mulheres cansadas. Em *Niketche*, Rami perpetua o convite às mudanças, inclui as experiências femininas entrecruzadas e, penalizada, reflete:

Mães, mulheres. Invisíveis, mas presentes. Sopro de silêncio que dá a luz ao mundo. Estrelas brilhando no céu, ofuscadas por nuvens malditas. Almas sofrendo na sombra do céu. O baú lacrado, escondido neste velho coração, hoje abriu-se um pouco, para revelar o canto das gerações. Mulheres de ontem, de hoje e de amanhã, cantando a mesma sinfonia, sem esperança de mudanças (CHIZIANE, 2021, p. 89).

Em observação à solidão das mulheres em alguns contextos sociais, compreende-se que a espera desespera o desejo de novas oportunidades, de novos cenários que abrandem e afastem

as duras marcas de sujeição, torturas e maus-tratos vivenciados em alguns processos históricos. A violência de ontem, que não se apaga, e a permanente luta das escritoras negras para alertar e dissolver os rastros dessas dores em Moçambique, em outros países do continente africano e em outras nações, situações que transpassam a literatura e os espaços geográficos.

A pesquisa, mesmo não se aprofundando em outras obras, além de *Niketche*, não pode deixar de correlacionar pontualmente a narrativa feminina negra de Chiziane com outras vozes que se ergueram por melhores condições de vida em seus projetos literários, inclusive no Brasil. As cicatrizes de um país também colonizado, cuja herança covarde se apresenta na desigualdade social.

Percebe-se que as mulheres estão igualmente conectadas, que as escritoras negras pioneiras foram responsáveis pela oportunidade e coragem de outras que vieram a escrever as suas histórias e de iguais, um movimento que remete, novamente, à irmandade e à significação que um texto publicado tem para o feminino que escreve ou apenas sente-se representado.

Em meados dos anos de 1950, Carolina Maria de Jesus (re)existia e relatava no seu diário os meios encontrados para garantir a sua sobrevivência e a dos seus filhos. A sua arma tonou-se as letras, ao registrar/denunciar a sua condição de mulher negra e favelada. No poema “Sonhei”, externa os anseios do que lhe foi negado: a formação escolar, o acesso à leitura, aos livros, moradia digna, saúde, a sua própria intelectualidade:

Sonhei que estava morta
Vi um corpo no caixão
Em vez de flores eram livros
Que estavam nas minhas mãos
Sonhei que estava estendida
No cimo de uma mesa
Vi o meu corpo sem vida
Entre quatro velas acesas

Ao lado o padre rezava
Comoveu-me a sua oração
Ao bom Deus ele implorava
Para dar-me a salvação
Suplicava ao Pai Eterno
Para amenizar o meu sofrimento
Não me enviar para o inferno
Que deve ser um tormento

Ele deu-me a extrema-unção
Quanta ternura notei
Quando foi fechar o caixão
Eu sorri... e despertei.

In: Antologia pessoal, p. 174 (PAULA, Lilian et al, [s.n.]

Outra autora surgiria no nosso país celebrando em seus textos a “escrevivência”, em consonância com o projeto também de Paulina Chiziane. A escritora Conceição Evaristo se une ao chamado de abrir portas às gerações recentes, que se movimentam e confiam nas suas linhas o registro de histórias que desnudem um passado confinado. Mulheres que escrevem sobre a vida, mas, sobretudo, sobre outras mulheres, em movimentos universais que dialogam além-continente.

Conceição Evaristo, no seu poema “Eu-Mulher”, conclama este corpo feminino negro, força-motriz no mundo:

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo (PEREIRA; COSTA, 2019).

Há de se observar as experiências das escritoras e os limites que algumas tiveram que superar no seu corpo físico, a partir das vivências em guerras, o desgaste emocional com a falta de reconhecimento inicial pelo fazer literário e tantas outras barreiras que as obrigaram a persistirem. Esse corpo, que também é pensamento, nem sempre é percebido na vivência de mulheres negras. De acordo com Djamila Ribeiro, por um viés feminista, trata-se de um comportamento marcado pelo racismo e sexismo:

Em “Intelectuais negras”, Bell Hooks fala sobre o quanto as mulheres negras foram construídas ligadas ao corpo e não ao pensar, em um contexto racista. A pensadora afirma que a combinação entre racismo e sexismo implica sermos vistas como intrusas por pessoas de mentalidade estreita (RIBEIRO, 2019).

Com a atenção ao corpo ficcional, a pesquisa definiu como o primeiro tópico a ser tratado a face violenta das relações de gênero tão marcadas no decorrer da narrativa. A

dicotomia homem-mulher, dinheiro-maternidade, permanência e liberdade são traços que se evidenciam a partir do momento que Rami redefine o seu lugar e das personagens femininas na narrativa e, para tanto, se permite reflexões em relação a falta de amparo das outras mulheres: “Abriram o corpo, esse mágico labirinto, e deixaram germinar outras flores sem rega, nem pão, nem esperança. Sofro por essas crianças. A situação destas concubinas é de longe pior que a minha. Sem proteção legal, nem familiar” (CHIZIANE, 2021, p. 92).

Em desprezo à dor da esposa e amantes, o homem, Tony, defende-se com argumentos dispostos pelo sistema patriarcal, ao justificar que concede um favor a cada uma delas, pois, na sua concepção, oferece proteção e recursos materiais para que se sintam confortáveis em uma relação poligâmica, o que convoca a percepção do leitor ao fato de que a obra ficcional está tratando de uma questão atual e permanente na vida de muitas mulheres, dado os casos, explícitos ou não, de homens e suas amantes na sociedade contemporânea. Rami reflete: “No paraíso dos bantu, Deus criou um Adão. Várias Evas e um harém. Quem escreveu a bíblia omitiu alguns factos sobre a génese da poligamia” (CHIZIANE, 2021, p. 36).

No intuito de expandir o estudo a outros debates, no capítulo que versa sobre o corpo e sexualidade, outro aspecto, e não menos importante, está na condução de Chiziane ao introduzir na narrativa uma oportunidade de Rami romper alguns paradigmas culturais. A transgressão da personagem cumpre com insurgência à imersão na sexualidade, que descortina preconceitos e evidencia o prazer em detrimento ao sexo apenas como finalidade de procriação e maternidade. Exalta-se uma mulher madura que sente desejo e prazer nas relações sexuais fora do casamento: “A sexualidade é uma das vozes mais pessoais, engajadas e carregadas de valores. É também uma das mais exigentes teoricamente, porque o sexo está na encruzilhada de natureza, psique e cultura” (DIMEN, 1997, p. 43).

Além do corpo e da própria existência, ergueu-se como protagonista dessa história, via narrativas femininas negras e politizadas, a violência de gênero, que, discutida hoje, não é recente; as oportunidades retardadas, a anulação de uma individualidade digna retirada, um tom, um lugar menor, ainda mais à margem da pirâmide de hierarquias enraizadas.

O romance, apesar de se tratar de um tema polêmico, abre margem de esperança para as mulheres, através da redenção das personagens e com as opções de transformação: a opressão em liberdade, a submissão em autonomia, o medo em força, igualdade de escolhas de trabalho, estudos, relações afetivas, assim como já é naturalmente dado e reconhecido ao gênero masculino, homens que se sentem donos de suas companheiras.

Com a aproximação do final do romance, as mulheres que conseguem independência financeira e oportunidade de escolha de outros parceiros alcançam progresso em suas vidas,

construído a partir da cumplicidade que se desenvolve entre as mulheres, que vai ao encontro da noção de harmonia entre iguais. Dessa forma, a escrita de Chiziane cumpre relevante papel ao denunciar e/ou testemunhar as dificuldades e violências sofridas pelo gênero feminino.

Assim, fechando o ciclo sobre o corpo, percebeu-se o quanto esse é rico em reciprocidade. O corpo feminino une-se na dança, na prece, no choro, na espera, na revolta. Esses fundamentos, que alicerçam a resistência entre iguais, surgiram no texto como uma teia de cumplicidade, empatia e reconhecimento mútuo e, apesar de não ser definido como um texto feminista pela escritora, os elos são visíveis; as mãos que se tocam, os abraços que confortam e a parceria rumo à garantia da autoestima e condições dignas de vida.

É certo que a pesquisa se manteve atenta às configurações evidenciadas no âmbito da literatura, da história, da cultura, da vivência, do feminino e da sociedade moçambicana, mas não deixou de encontrar semelhança de países colonizados, pois as identificações preexistem. Quando ampliada as reflexões acerca do espaço ocupado pelas mulheres nos “quatro cantos do mundo” e, ainda no ano de 2023, é possível constatar que o caminho a percorrer é longo, portanto, os debates em torno da representação de mulheres e suas lutas diárias fazem-se necessários, o que implica falar em subalternidade e tantos outros direitos negados a elas.

Por fim, este estudo permitiu identificar que pesquisadoras e pesquisadores, sobretudo, afrodescendentes, ao examinar, por meio da literatura, histórias que não eram compartilhadas, tornam-se capazes de reescreverem com seus trabalhos narrativas distorcidas e consolidadas, para que não exista, por exemplo, a naturalização das diferenças de gênero e da intelectualidade, de maneira a reivindicar espaços igualitários, direitos sem hierarquia de gênero ou raça e que o corpo da mulher negra possa existir, viver e atuar de maneira que julgar mais conveniente.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Iris. Não somos mulheres as escritoras negras de língua portuguesa? In: SALGADO, Maria Teresa et al. *Escritas do corpo feminino: perspectivas, debates, testemunhos*. [S.l.]: Oficina Raquel: 2018. 292 p. ISBN 859500031X. Edição Kindle.

AMORIM, Claudia; FISCHGOLD, Christian. Aula 14 - Pan-africanismo, negritude, movimentos pela independência: literatura e resistência – meados do século XX. In: _____ et al. (ed.). *Literaturas Africanas I*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2018. v. 2, E-book (p. 125-150). ISBN 978-85-458-0132-0. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/anexos/recursos_interno/17165/download/ea3b542a9f72d89e25d6b18c746adcd7>. Acesso em: 1 dez.2022.

ANTONACCI, Maria Antonieta. *Memórias ancoradas em corpos negros*. 2. ed. São Paulo: Educ, 2014. ISBN: 978-85-283-0522-7. Edição Kindle.

ARQUIVO VÍDEOS. *Paulina Chiziane, vencedora do Prêmio Camões*. 26 out. 2021. (3 min 50s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RZfz2i73nPU>>. Acesso em: 21 jul.2023.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de: Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. ISBN: 978-85-209-3913-0. Edição Kindle.

BEI, Aline. Apresentação: dúvidas ainda quentes para o século XXI. In: WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Tradução de: Vanessa Barbara. [S.l.]: Antofágica, 2022. ISBN: 978-6586490510. Edição Kindle.

BENJAMIN, Walter. *Linguagem, tradução, Literatura* (filosofia, teoria e crítica). Tradução de: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. ISBN: 978-85-513-0359-7. Edição Kindle.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. E-book (395 p.). Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/816236/mod_resource/content/1/bhabha-homi-k-o-local-da-cultura.pdf>. Acesso em: 23 nov.2022.

BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Suzan R. (ed.). *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Tradução: Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. E-book. (p. 19-41). Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4687273/mod_resource/content/1/Livro%20Gênero,%20corpo%20e%20conhecimento.pdf>. Acesso em: 2 fev.2023.

BORGES, Luciana. Transas de tramas do corpo nas malhas da ficção. In: SALGADO, Maria Teresa et al. *Escritas do corpo feminino: perspectivas, debates, testemunhos*. [S.l.]: Oficina Raquel: 2018. 292 p. ISBN 859500031X. Edição Kindle

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. E-book (160 p.). ISBN 978-85-286-0705-5. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/762315/mod_folder/content/0/BOURDIEU_A%20domina%C3%A7%C3%A3o%20masculina.pdf?forcedownload=1>. Acesso em: 5 jan.2023.

CANAL J PS. *Conheça Paulina Chiziane*, prêmio Camões 2021 (entrevista). 24 out. 2021. (51 min 39 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bo3VCEXemzk>>. Acesso em: 23 abr.2023.

CAMBINDA, Jorge Artur Avelino. *Nacionalismo e nação em Moçambique*. 2014. (70 p.) Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Redenção, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Carlos-Subuhana/publication/284283399_NACIONALISMO_E_NACAO_EM_MOCAMBIQUE/links/56509f5b08aefe619b153ea6/NACIONALISMO-E-NACAO-EM-MOCAMBIQUE.pdf> Acesso em: 5 fev.2023.

CASIMIRO, Isabel Maria. *Paz na terra, guerra em casa*. Feminismo e organizações de mulheres em Moçambique. (Série Brasil & África: coleção pesquisas). Recife: Editora UFPE, 2014. E-book. ISBN: 978-85-415-0515-4. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/documents/38978/1182937/paz-e-terra.pdf/93e804da-8659-4acb-8928-3120616ef807>> Acesso em: 5 mai.2023.

CHIZIANE, Paulina. *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo*. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, v. 5, n. 10, p. 199-205, 30 abr. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/abriluff.v5i10>>. Acesso em: 26 jan.2023.

CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*: romance. [Alfragide]: Editora Caminho, 2008. ISBN: 9789722121873. Edição Kindle.

CHIZIANE, Paulina. *Niketche*: uma história de poligamia. 1ª Reimpressão. São Paulo: Companhia de bolso: 2021.

COUTO, Mia. *Vozes anoitecidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DALLERY, Arleen B. A Política da Escrita do corpo: *Écriture féminine*. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. (ed.). *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Tradução: Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. E-book. (62-78 p.). ISBN 85-01-04345-1. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4687273/mod_resource/content/1/Livro%20Gênero,%20corpo%20e%20conhecimento.pdf>. Acesso em: 2 fev.2023.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de: Heici Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. ISBN 8575595032. Edição Kindle.

DEUS, Nzira. Feminismo em Moçambique: pela terra, liberdade, sororidade e uma vida livre de violência. Revisado por: Helena Zelic, Aline Scátola. *Capire*. 30 mar. 2021. Disponível em: <<https://capiremov.org/analises/feminismo-em-mocambique/>>. Acesso em: 23 abr.2023.

DIOGO, Rosália Estelita Gregório. Paulina Chiziane: as diversas possibilidades de falar sobre o feminino. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 14, n. 27, p. 173-182, 10 dez. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4338>>. Acesso em: 21 jul.2023.

DIMEN, Muriel. Poder, sexualidade e intimidade. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Suzan R. *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Tradução de: Britta Lemos de Freitas Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. Coleção Gênero; 1. E-book. (42-61 p.). Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4687273/mod_resource/content/1/Livro%20G%C3%AAnero%2C%20corpo%20e%20conhecimento.pdf> Acesso em: 2 fev.2023.

FIGUEIREDO, Eurídice. Violência e sexualidade em romances de autoria feminina. *Interdisciplinar* - Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 32, n. 1, p. 137-149, 5 jan. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.47250/intrell.v32i1.12872>>. Acesso em: 21 jul.2023.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. A balada em prosa poética de Paulina Chiziane. In: _____ (Org.). *Moçambique no feminino: a narrativa de Paulina Chiziane*. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. 179 p. ISBN 978-65-5942-070-4. Disponível em: <<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/816/896/7259-1>>. Acesso em: 24 jun.2023.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. História de violência nas prisões. Tradução de: Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. E-book. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/121335/mod_resource/content/1/Foucault_Vigiar%20e%20punir%20I%20e%20II.pdf>. Acesso em: 3 jul.2023.

GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. 2010. 300 p. Tese de doutorado — Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2015/03/tese-de-livre-docencia-jaime-ginzburg-a_copy.pdf>. Acesso em: 21 mai.2023.

GOMES, Carlos Magno Santos. Um olhar histórico para o corpo. In: XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse?: o corpo no imaginário feminino*. Rio de Janeiro. Oficina Raquel, 2021. ISBN: 978-65-86280-59-3. Edição Kindle

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. E-book (104 p.). ISBN 85-7490-402-3. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4643126/mod_resource/content/4/2.1.%20HALL,%20S.%20Identidade%20Cultural%20na%20Pós%20Modernidade_Cap%201%20e%202.pdf>. Acesso em: 28 out.2022.

HAMPETÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI -ZERBO, Joseph (ed.). *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212. ISBN 978-85-7652-123-5. Disponível em: <http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/hga_I_metodologia_e_prehistoria_da_africa.pdf>. Acesso em: 28 out.2022.

KÜTTER, Cíntia Acosta. Memória e experiência: uma leitura do romance o alegre canto da perdiz. In: FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de (Org.). *Moçambique no feminino: a narrativa de Paulina Chiziane*. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. 179 p. ISBN 978-65-5942-070-4. Disponível em: <<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/816/896/7259-1>>. Acesso em: 24 jun.2023.

LARANJEIRA, José Luís Pires. Pós-colonialismo e pós-modernismo em contexto pré-moderno e moderno – o local e o nacional nas literaturas dos cinco e as ilusões da literatura-mundo. *Revista de Estudos Literários: Literaturas africanas de língua portuguesa*. v. 5. p. 17-47, 31

Julho 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.14195/2183-847X_5> Acesso 21/07/2023>. Acesso em: 21 jul.2023.

LEIDERFARB, Luciana. Moçambique nunca conheceu momentos de paz: entrevista a Paulina Chiziane. *Expresso 50*. 05 maio 2022. Disponível em: < <https://expresso.pt/cultura/2023-05-05-Mocambique-nunca-conheceu-momentos-de-paz-entrevista-a-Paulina-Chiziane-18559b03>> Acesso em: 24 jan.2023.

LIMA, Norma Sueli Rosa. Úrsula e o alegre canto da perdiz: quando as águas se encontram em Maria Firmina do Reis e Paulina Chiziane. In: FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de (Org.). *Moçambique no feminino: a narrativa de Paulina Chiziane*. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. 179 p. ISBN 978-65-5942-070-4. Disponível em: < <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/816/896/7259-1>>. Acesso em: 24 jun.2023.

LOPES, Nei; Lopes; SIMAS, Luiz Antonio. *Filosofias africanas: uma introdução*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. ISBN: 978-65-580-2003-5. Edição Kindle.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. (coleção leitura e crítica). Tradução de: Maria Appenzeller; revisão da tradução: Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. ISBN: 85-336-1386-5

M'BOW, Amadou Mahtar. Prefácio. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. E-book. ISBN 978-85-7652-123-5. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190249>. Acesso em: 26 nov.2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. In: NJAINE, K., ASSIS, S. G., CONSTANTINO, P. (Org.). *Impactos da Violência na Saúde*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007, pp. 21-42. E-book. ISBN: 978-85-7541-588-7. Disponível em: <doi: 10.7476/9788575415887.003>. Acesso em: 2 dez.2022.

MOVFEMME - Movimento das jovens feministas de Moçambique. *Facebook*. Maputo: 19 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jovensfeministasmoz/posts/1469238226533164/>>. Acesso em: 17 jan.2023.

MUKUNA, Kazadi wa. Prefácio. In: ANTONACCI, Maria Antonieta. *Memórias ancoradas em corpos negros*. 2. ed. São Paulo: Educ, 2014. ISBN: 978-85-283-0522-7. Edição Kindle.

NOA, Francisco. Noémia de Sousa: a metafísica do grito. In: SOUSA, Noémia de. *Sangue Negro*. São Paulo: Editora Kapulana, 2016, p.170

NOA, Francisco. *Uns e outros na literatura moçambicana: ensaios*. (Série Ciências e Artes). São Paulo: Kapulana, 2019. ISBN: 978-85-68846-63-6. Edição Kindle.

PACHÁ, Andréa Maciel; PIEDADE, Vilma. *Sobre feminismos*. Rio de Janeiro: Agir, 2021. 2. ed. ISBN: 978-65-5837-100-7. Edição Kindle.

PAULA, Lilian et al. *Sonhei*: Carolina Maria de Jesus. Portal Literafro. [Pampulha]: [s.n.]. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/24-textos-das-autoras/66-carolina-maria-de-jesus-sonhei>>. Acesso em: 15 jul.2023.

PEREIRA, Jaquelânia Aristides; COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da. *Leitura e análise semiótica do poema/canção “eu-mulher”*: a poesia em canto e dança. Anuário de literatura, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 33-51, 2019. ISSN: 2175-7917. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/2175-7917.2019v24n1p33>>. Acesso em: 20 jun.2023.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução de: Dora Rocha Flaksman. In: GOMES, Angela de Castro; Oliveira; MOURA, Gerson; OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Estudos históricos: memória*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p. 03-15. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 23 out.2022.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: GOMES, Angela de Castro; BOMERY, Helena Maria Bousquet; OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Estudos históricos: teoria e história*. Transcrição e tradução de: Monique Agras. Edição de: Dora Rocha. Rio de Janeiro, vol. 5. n. 10, 1992. p. 200-212. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>>. Acesso em: 23 out.2022.

PORTAL UAI. *Entrevista com a escritora Paulina Chiziane*, vencedora do Prêmio Camões de Literatura 2021 (68min 52s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fVtl37TvF18>>. Acesso em: 3 out.2022.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala* (feminismos plurais). São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019. ISBN: 978-85-98349-85-5. Edição Kindle

RIBEIRO, Djamila. Prefácio à edição brasileira. São Paulo, 2016. In: DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de: Heici Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. ISBN: 978-85-7559-508-4. Edição Kindle.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. (Coleção Antropologia e Saúde). 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; 2006. ISBN: 98-85-7541-373-9. Edição Kindle.

ROSCHEL, Paula. *Sororidade: quando a mulher ajuda a mulher*. São Paulo: Editora Europa, 2020. ISBN: 978-85-7960-628-1. Edição Kindle.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero patriarcado violência*. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015. E-book. 160 p. ISBN 978-85-7743-262-2. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/10/genero_web.pdf>. Acesso em: 21 mar.2023.

SALGADO, Maria Teresa et al. *Escritas do corpo feminino: perspectivas, debates, testemunhos*. [S.l.]: Oficina Raquel: 2018. ISBN: 978-85-9500-031-5. Edição Kindle

SALÚSTIO, Dina. *Escritas do corpo feminino*. In: SALGADO, Maria Teresa et al. *Escritas do corpo feminino: perspectivas, debates, testemunhos*. [S.l.]: Oficina Raquel: 2018. ISBN: 978-85-9500-031-5. Edição Kindle

SAÚTE, Nelson. A mãe dos poeta moçambicanos. In: SOUSA, Noémia de. *Sangue Negro*. São Paulo: Editora Kapulana, 2016, p.182

SECCO, Carmen Lucia Tindó. Noémia de Sousa, grande dama da poesia moçambicana. In: SOUSA, Noémia de. *Sangue Negro*. São Paulo: Editora Kapulana, 2016, p.12

SINPRO MINAS. Programa Extra-classe - Paulina Chiziane. [S.l.] 06 Ago. 2018. (25min 53s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qMPv19JJHUo&t=67s>> Acesso em: 28 jan.2022.

SOUSA, Noémia de. *Sangue Negro*. São Paulo: Editora Kapulana, 2016.

SUBUHANA, Carlos. *Moçambique: reflexão sobre a questão do nacionalismo e da cidadania*. [S.l.]. Jan. 2004. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Carlos-Subuhana/publication/281465152_Mocambique_Reflexao_sobre_a_questao_do_nacionalismo_e_da_cidadania/links/55ea05b908ae21d099c451ce/Mocambique-Reflexao-sobre-a-questao-do-nacionalismo-e-da-cidadania.pdf>. Acesso em: 30 jan.2023.

TEIXEIRA, Izabel Cristina dos Santos. As mulheres e as guerras em Moçambique na obra de Paulina Chiziane. In: FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de (Org.). *Moçambique no feminino: a narrativa de Paulina Chiziane*. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. 179 p. ISBN 978-65-5942-070-4. Disponível em: <<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/816/896/7259-1>>. Acesso em: 24 jun.2023.

TRINDADE JUNIOR, João Olinto. Aula 17 - O processo de independência e as literaturas pós-coloniais: Moçambique. In: AMORIM, Claudia et al. (ed.). *Literaturas Africanas I*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2018. v. 2, E-book (p. 209-260). ISBN 978-85-458-0132-0. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/anexos/recurso_interno/17165/download/ea3b542a9f72d89e25d6b18c746adcd7>. Acesso em: 1 dez.2022.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse?: o corpo no imaginário feminino*. Rio de Janeiro. Oficina Raquel, 2021. ISBN: 978-65-86280-59-3. Edição Kindle